



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
FACULDADE DE LETRAS**

**CORPOS-TRAVESSIAS NAS ONDAS DA MARÉ:
PRÁTICAS DE LEITURA E A FABULAÇÃO DE NOVOS MUNDOS**

GABRIEL DA SILVA FERREIRA

**RIO DE JANEIRO
2023**

GABRIEL DA SILVA FERREIRA

**CORPOS-TRAVERSIAS NAS ONDAS DA MARÉ:
PRÁTICAS DE LEITURA E A FABULAÇÃO DE NOVOS MUNDOS**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/Literaturas.

Orientadora: Prof^a Dr^a Patrícia Raquel Baroni

RIO DE JANEIRO

2023

AGRADECIMENTOS

Eu vim de lá, eu vim de lá pequenininho
Mas eu vim de lá pequenininho
Alguém me avisou
Pra pisar nesse chão devagarinho
Alguém me avisou
Pra pisar nesse chão devagarinho...
(Dona Ivone Lara)

Eu não poderia começar esse agradecimento sem saudar minha ancestralidade, que me manteve de pé até aqui e que continua a me sustentar por onde eu for. Por ela, caminho em meio à prosperidade de vida e saúde. Com ela, acompanho o passar do tempo e do vento, que sacode a poeira e me faz prosseguir na lida de ser ancestral um dia. Sobre ela, escrevo sonhos que ninaram corpos, que sustentaram mundos e que se materializarão no moldar dos tijolos e passos dos meus futuros descendentes. Dela, aprendo o silêncio e a paciência, elementos que fazem acertar o alvo na hora precisa. Modupé, meus ancestrais, é para e com vocês, sempre será.

Gostaria de agradecer a minha família, em especial, às mulheres da minha vida: Maria José da Silva, Solange Maria da Silva e Janaina Cristina da Silva Ferreira. Avó, mãe e irmã, eu aprendo o significado do amor com vocês todos os dias. Vocês me ensinam a manter meu coração puro e a fé na vida. *A bença*, minhas matriarcas.

Sem pular nenhuma outra matriarca, agradeço à Yalorixá Marli de Oxum pelo colo, escuta e mãos abençoadas. Sou grato por ser seu filho honorário nesse grande berço que é o Ilê Asé Oju Omi. Tenho orgulho de lhe chamar de mãe. *A bença!*

À minha orientadora Patrícia Baroni, um agradecimento especial. Obrigado por acompanhar com muita paciência, meus processos de aproximação e distanciamento da pesquisa e que entendeu meu tempo de digerir as questões que me provocavam estranhamentos na escrita. Obrigado por ter os ouvidos atentos aos meus silêncios e gritos.

Agradeço de todo o meu coração a Alice Meireles, Stéphane Marçal, Carolina Costa Lima, Azizi Cypriano, Dandara Ribeiro, Yasmim Louro, Samara Kister, Lucas Miranda, Deryk Almeida, Caio Lafaiete, Davi Cidade e Alex Jefferson por me permitirem florescer como um baobá. Escolho diariamente ter vocês em minha vida e tenho orgulho de ter a amizade acalentadora. Minha graduação foi mais confortável porque eu tinha o ombro e colo de vocês em momentos ruins, assim como a alegria e os afetos em momentos de celebração.

Aos meus orientadores de pesquisa e extensão Warley da Costa, Rosana Heringer, Mônica Houry, Ollie Johnson e Vanessa Ribeiro por enxergarem as potencialidades na minha produção acadêmica e por fortalecer minha identidade intelectual. Obrigado por assoprar o avião de papel que me levou a projetar e fabular mundos outros em minhas viagens.

Um agradecimento carinhoso aos meus leitores críticos Sérgio Luiz Baptista e Sílvia Barros, com quem compartilho não só o amor pela Educação, mas também a admiração pelo trabalho desenvolvido enquanto formadores e pensadores de novas práticas emancipatórias e antirracistas. Me inspiro em vocês para construir um futuro próspero!

Ao Coletivo Negro Conceição Evaristo, primeiro coletivo negro da Faculdade de Letras da UFRJ, por ter sido o espaço de plantio e colheita de muitas flores que perfumaram minha trajetória acadêmica. Sua permanência nesse solo arenoso prova que há vida na dureza e essa vida é abundante. Sigamos!

À Faculdade de Letras e a Universidade Federal do Rio de Janeiro por ter sido meu aeroporto durante todos esses trânsitos e voos. Foi nesse lugar que pude aterrissar e me conectar com as pessoas e suas histórias. Obrigado pela recepção e pela decolagem!

Agradeço aos professores e professoras que somam na luta por uma educação justa, antirracista e democrática e que inspiram meu fazer pedagógico. Dos que me auxiliaram na escola básica aos companheiros da graduação, obrigado pela inspiração em seguir enxergando a Educação como prática de liberdade.

À equipe do Galpão Bela Maré, em especial ao Eixo Educativo, que sempre acolheu as minhas visitas e puderam sempre me presentear com o afeto e a troca. Obrigado por me deixarem correr igual menino pelo espaço e me divertir com a leveza da vida. Vocês me inspiram!

Àqueles que não foram citados, mas contribuíram direta ou indiretamente na minha vida, fica aqui para a posteridade meus agradecimentos. Carrego vocês comigo em cada pensar, andar e fazer!

À vida, que me permite falar, como diria Conceição Evaristo, das minhas escrevivências, que servem não para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos.

AXÉ!

“[...] e era a vida — sempre ela e nunca a morte — o
que fazia aquele chão tremer”.

Geovani Martins - Via Ápia.

FERREIRA, Gabriel da Silva. *Corpos-travessias nas ondas da Maré: práticas de leitura e a fabulação de novos mundos*. 2023. Monografia, UFRJ, Rio de Janeiro, 2023.

RESUMO

A presente pesquisa de monografia é um convite para um passeio. Nessa viagem, atravesso continentes e oceanos na busca por conhecer práticas educacionais que possibilitam a criação de novos mundos a partir da literatura. O objetivo desta escrita é provocar novos sentidos sobre as combinações entre espaços culturais e a escola na luta pela implementação da lei 10.639/03 e a promoção do ensino da literatura afro-brasileira. Como caminhos metodológicos, encontro a cartografia como terreno fértil para mapear esses territórios possíveis. Atrelado a isso, à luz dos estudos com o cotidiano, fabulo com o Educativo do Galpão Bela Maré, espaço cultural situado no Conjunto de Favelas da Maré, na zona norte do Rio de Janeiro, pistas para se pensar essas práticas. O diálogo teórico-conceitual parte das produções de Azoilda Loretto da Trindade (2006), bell hooks (2017) e Nilma Lino Gomes (2019), importantes intelectuais negras que pulverizam magias com suas palavras e estudos sobre o campo educacional. Esta pesquisa permitiu compreender que é possível criarmos caminhos possíveis para se pensar o acesso e a apropriação de uma literatura comprometida com a emancipação e a justiça cognitiva e epistemológica.

Palavras-chave: Corpo. Memória. Literatura Afro-Brasileira. Lei 10.639/03. Galpão Bela Maré.

SUMÁRIO

MAPA MUNDI: UMA INTRODUÇÃO AO INFINITO.....	10
1. MARÉ, MAREIA: O GALPÃO BELA MARÉ.....	17
2. DAS MULHERES-SENHORAS QUE ME ENSINAM A MAPEAR O MUNDO...23	23
3. DOS SOLOS RACHADOS ONDE NASCEM GIRASSÓIS: OS CAMINHOS METODOLÓGICOS	32
4. DAS ANDANÇAS E FRONTEIRAS: O QUE ME LEVOU AO GALPÃO.....	40
5. VIVER-PULSAR O GALPÃO: O PODER DA PALAVRA NO CLUBE DE LEITURA.....	48
6. RUNAS QUE APONTAM NOVOS UNIVERSOS: REFLEXÕES SOBRE AS PRÁTICAS.....	54
REFERÊNCIAS.....	56



NÃO SE PODE FALAR
DE EDUCAÇÃO SEM AMOR

PAULO FREIRE

MAPA MUNDI: UMA INTRODUÇÃO AO INFINITO

Reescrevi
Um mapa de estrelas
A guiar um caminho
Pra viver
Percebi que nada é tão longe
Quando umbilical se corta
E deixa fluir [...]
(Majur - Mapa de Estrelas)

Sempre achei curiosos os mapas. Esse instrumento quadrado, meio rasgado nas bordas, pendurado por um cadarço ou barbante colado nas pontas com fita durex, em tons amarelados e azulados demais, onde se via pedacinhos de terra repartidos, coloridos, divididinhos por todo o comprimento. Ou aqueles giratórios, presos a um suporte de madeira ou qualquer plástico duro, que eu achava a coisa mais linda do mundo e que me divertia toda vez que via um espalhado por algum canto - na sala de leitura da escola, na casa da minha vizinha, no Museu ou nas revistas Galileu que tinha sempre uma série e um fascículo que carregavam os globos como brindes, sendo parte de um universo que eu só conseguia acessar na vitrine da banca de jornal da rua principal do meu bairro.

Era meu maior prazer passar pela frente da banca só pra namorar as revistas e seus diversos brinquedos-brindes que enchiam os meus olhos de curiosidade, mas esvaziavam os bolsos dos meus pais, que tentavam sempre que dava, comprar alguma delas para mim. Nunca cheguei a ter uma coleção completa, nem tampouco a que vinha com o mapa mundi, mas eu me lembro de ir a casa da minha vizinha e me divertir horas e horas das minhas tardes de férias girando e girando e girando e girando aquela bola azul piscina com pintinhas multicolor.

Ao girar, ficava pensando em qual destino aquele mapa iria parar ou para qual direção ele apontaria um caminho: norte, sul, leste e oeste... era uma verdadeira façanha imaginar as possibilidades de porvir que me aguardavam, quais seriam os aviões que me aterrissariam em terras outras, terras onde só a minha imaginação poderia habitar. Lembro também das aulas de Geografia, onde a professora, já desacostumada com a posição do prego que sustentaria o mapa mundi, ficava em um malabarismo com o mapa, bailarinando na ponta dos pés para alcançar o bendito suporte. E quando não conseguia, o mapa dançava entre seus braços pequenos e a sua enorme vontade de explicar alguma questão sobre colonização ou período de guerra.

Nesse momento, as narrativas e histórias sobre esses episódios históricos ganhavam sons, cheiros, cenários e personagens. Era o momento de imaginar o que de fato aconteceu no decorrer da história e nos elementos que eram contados entre passado e presente pela professora de Geografia que amava gatos. A brincadeira de imaginar os países era agora provocada a expandir a fantasia para o que de fato fazia e acontecia naquela parte daquele pequeno espaço territorial-colorido-plastificado delimitado ali na minha frente, uma verdadeira piscina em dia quente me convidando a mergulhar. Lembro que se falava muito do continente europeu e das grandes realizações que se faziam por lá: as Navegações, a Revolução Francesa, a Reforma Industrial. Mas eu sabia que existia uma ausência de narrativa que falasse de outros lugares, lugares estes que, para mim, só eram interessantes quando eu tinha a sorte do globo parar e me revelar seus nomes: Egito, Índia, México, Coréia, Brasil.

Esses outros lugares eu conheci um pouco nas aulas de História, essa ministrada por uma professora carrancuda e que usava óculos bem grossos. Engraçado que todo mundo sempre teve medo dela, mas sempre que a vejo na rua, até hoje, sinto vontade de abraçá-la. Nos tornamos confidentes de uma paixão ainda bem adormecida dentro de mim naquela época - a sala de aula. Sempre que nos encontramos, pergunto-a carinhosamente: “professora, ainda na sala de aula?”, o que ela sempre me responde com um sorriso meio sem jeito e uma acenada de cabeça. Engraçado que sempre nos encontramos em movimento: no ponto de ônibus, dentro do ônibus, na fila do mercado. Ela sempre está com sua bolsinha, seu cardigã e eu consigo sentir o cheiro da bala de uva que eu comia em suas aulas. Entre uma rabiscada meio desalinhada e uma seta apontando para três partes de um mapa mal desenhado no quadro branco, a professora explicava como, quem e onde eram localizados esses territórios-outros que ficavam na margem do tão destacado continente europeu e eu sabia, pelas fotos e imagens que ela trazia, que eram esses habitantes mais parecidos com a gente ali da sala.

Na aula de Matemática e de Biologia, os mapas também estavam ali encontrando um jeito de se adentrarem, sejam pelas equações que estendiam em setas, graus e números latitudinais em meu caderno de pauta do Garfield ou nas mitocôndrias, os retículos endoplasmáticos e nas células que se desenhavam perfeitamente com suas dimensões, fronteiras e extensões. Minha professora de Ciências tinha habilidades de pintura e sempre presenteava as nossas aulas com imagens muito fidedignas de cada parte, por mais ínfima que seja, do corpo humano.

Lembro de olhar para os estados do Brasil em um dos mapas nas aulas de Geografia do Brasil e pensar que eles eram células esparramadas em um vidro que se usava no microscópio, dos que a professora de Ciências sempre falava, mas nunca conseguimos usar por conta do laboratório nunca ficar pronto: uma grande massa cinza, em *degradê* por conta da impressão barata, para representar cada região, mal diagramada e mal dimensionada em uma das páginas de um dos testes bimestrais valendo nota. Nada parecia fazer sentido. Nem mesmo a analogia que me apareceu na hora.

O que me possibilitou de fato ler e narrar os mapas foram as aulas de Português e Literatura, onde eu podia delinear pelo papel em branco - sem pauta e sem limite de linha - as minhas confabulações acerca dos poemas, histórias e contos que me chegavam de além-mar. Sempre vinham com um gosto salgado de praia e uma vontade muito grande de velejar. Meu professor, homem barbudo e velho, tal como um *Aedo*, cantava às *Musas* na busca pela inspiração, em nome de uma epopeia que ele próprio parecia ter vivido. Falava dos grandes nomes, de Platão, de Sócrates e de Hesíodo. Ele nos apresentou Shakespeare, Camões e Pablo Neruda. Cantava em italiano e sabia que ninguém ali entendia o que ele falava. Era dos enamorados e eu me lembro de ouvi-lo recitar “ainda que eu falasse a língua dos homens e falasse a língua dos anjos, sem amor, eu nada seria”. Não sei se era um verso da Bíblia, um trecho de Renato Russo ou um soneto camoniano. Sei que depois disso, entendi que esse verso estava presente nesses três lugares.

O que eu não entendia, na época, é que ele só falou de um autor brasileiro pra gente e que sequer eu tinha ouvido falar antes: Jorge Amado. “Mas amado por quem?”, alguém soltou lá do fundo da sala. A turma toda riu, inclusive o professor, que usava jargões da escola do professor Raimundo para se referir a sua prática e vivência escolar. A frase “e o salário, ó”, era a deixa sempre que ele queria criticar o quão ruim era seu salário para que ele aturasse 35 alunos no auge da sua puberdade, gritando e fazendo bagunça enquanto ele queria ensinar oração subordinada.

O que de fato subordinávamos naquela época era esse apagamento da nossa formação sobre os saberes que de fato representassem as nossas trajetórias e nossas vivências. Não se falava sobre pessoas negras fora do contexto da escravidão e da subalternização e deixavam sublimemente estampados que os conhecimentos válidos, brancos e plastificados eram os que, futuramente, fui conhecer enquanto cânone, nome difícil que com certeza viraria piada na boca

de algum dos meus colegas de classe tal qual o amado não tão amado assim. Pelo menos não por nós ali.

Nesse sentido de revisitar minhas memórias, atravessadas por questões que não só perpassam meu corpo, mas também o de outras e outros que compartilham comigo o espaço educacional, esta monografia se costura como um processo de investigação minuciosa sobre como as literaturas influenciam no universo de construção de subjetividade e identidade de pessoas pretas e pardas. No mapa-constelação que é a minha trajetória-memória, investigo quais são as inquietações que me levam a olhar panoramicamente para o universo escolar e suas disputas territoriais por um acesso a conteúdos essenciais e referenciais na formação sociopolítico-pedagógica de crianças e jovens da educação básica brasileira. Tomando como caminho cartográfico e metodológico a minha narrativa, me aproprio de minhas experiências na busca de identificar novas rotas para uma educação antirracista que cumpram com uma *justiça epistemológica* (GOMES, 2019) e de qualidade.

A partir da análise do ensino na prática de Literatura Afro-Brasileira e Africanas de Língua Portuguesa, retornei ao meu universo de formação – a escola de Ensino Fundamental que estudei – para entender como o cotidiano escolar atrelado a essa temática, proporciona novos olhares sobre a presença e o ensino dessa literatura dentro e fora da sala de aula. Nessa andança, me lancei viajante em mim e nas estradas que também me levaram a conhecer narrativas outras que completam esse sentido de educação que almejo enquanto prática de liberdade (hooks, 2013), recolhendo e mapeando corpas-constelações que abrilhantaram o meu céu e meu itinerário enquanto docente em formação.

Ao continuar essa viagem, atravessando esses mapas-territórios, encontro o Centro Cultural Bela Maré, também conhecido como Galpão Bela Maré, localizado na favela da Nova Holanda, parte integrante do Conjunto de Favelas da Maré, zona norte do Rio de Janeiro. Nesse imenso pedaço de chão, nesse galpão de estrelas, finco os pés e me aterro, na busca por saber como o trabalho desenvolvido pelo seu Programa Educativo tem auxiliado na democratização do acesso à leitura e à literatura para a comunidade local e às escolas atendidas em seus projetos, bem como perceber os atravessamentos na prática pedagógica emancipatória de empoderamento de professores e educadores que fertilizarão os solos de suas salas de aulas com os saberes transmitidos por uma educação antirracista proposta pelo espaço, bem como no reforço de *valores civilizatórios afro-brasileiros* (TRINDADE, 2010).

No primeiro capítulo apresento o universo do Galpão Bela Maré, suas quinas e telhados. Aqui, o espaço é o berço de vivência do cotidiano e é nele que aprendo como circular, como ocupar, como entrar e sair. A partir das ações desenvolvidas pelo Educativo do espaço, namoro com a possibilidade de uma educação justa e democrática, uma educação que possibilita novos universos e que parece também ser objeto de desejo dos que fazem parte desse eixo da organização. Tenciono, a partir do contato com gestores e equipe, como é pilotar esse navio atracado na Maré, onde se vislumbra um oceano de atravessamentos cotidianos que balançam essa embarcação e que impactam no fazer pedagógico e educador.

No segundo capítulo, reflito sobre a abordagem conceitual que me alicerça no exercício de pensar as questões que envolvem a pesquisa e a construção de novas epistemologias que dão suporte e conta dos embates emergentes no acompanhamento das atividades. Sob a benção de três mulheres - bell hooks, Nilma Lino Gomes e Azoilda Loretto da Trindade -, sigo refletindo sobre seus estudos e pensamentos na esperança de encontrar pistas para entender como salvaguardar saberes para o futuro enquanto educador.

No terceiro capítulo, falo sobre a metodologia da pesquisa, que se apresenta em forma de mapas e de runas, que apontam destinos interessantes para se entender o cotidiano de atividades do Galpão Bela Maré. A partir da cartografia e das pesquisas com os cotidianos, debruço meu tempo, olhar e corpo para acompanhar, de perto, as nuances e desafios encontrados na jornada.

No quarto capítulo, aponto quais foram os caminhos que me levaram ao Galpão Bela Maré, as ausências que me sucederam no decorrer dessa caminhada - formativa e de trocas com outros educadoras e educadores -, que possibilitaram uma reflexão sobre dificuldades nos acessos a espaços de debate, formação e discussão de temáticas caras para essa pesquisa, como a promoção e o ensino de literatura afro-brasileira e africana de Língua Portuguesa no contexto escolar e extraescolar.

No quinto capítulo, trago as experiências de ter vivido o Galpão, os sentimentos, sensações, visões e escutas que experienciei durante o período de acompanhamento das atividades do eixo Educativo. Nesse capítulo, é possível mergulhar comigo em uma realidade próspera e de muitas emoções, onde o descolamento de visões preconceituosas e pré-estabelecidas são essenciais para sentir - no corpo e na alma - os efeitos de uma política de justiça cognitiva, epistemológica no fazer diário da educação antirracista proposta pelo espaço.

Abrindo velas, nas considerações finais, busco fabular novos futuros a partir da conjugação desses espaços - centros culturais, museus, casas de cultura, etc. e as escolas - na elaboração de novos currículos que atendam de fato às demandas e existências dos sujeitos-agentes que os compõem. Aqui, fica o convite também para que novas pesquisadoras e pesquisadores se juntem a mim nesse trânsito de pensar a implementação de práticas emancipatórias nas instituições educacionais que valorizam os saberes sagrados e ancestrais de uma comunidade que nunca deixou de continuar existindo. Seguimos, então, nessa imersão. Vem comigo?

BE
LA

169

1. MARÉ, MAREIA: O GALPÃO BELA MARÉ

Eu tenho axé ao caminhar
De pé na pixta eu não vou parar
Cabeça feita, pés no chão
Nessa energia tu não toca não
Porque eu tô blindada
Blindada de axé
Correndo atrás do que é meu
Sagacidade de cria, né?

(Preta Queen Bull - Acredite no Seu Axé)

No movimento de atracar em um cais, encontro nos agitos da maré o Centro Cultural Bela Maré. Popularmente chamado de Galpão Bela Maré, esse espaço cultural fica localizado entre as motos e janelas da comunidade Nova Holanda, no Conjunto de Favelas da Maré e os agitos e buzinas da Avenida Brasil. Quem por ela atravessa, se vê em um caracol que gira na travessia de terras, manguezais e vielas. O Galpão é uma iniciativa desenvolvida pelo Observatório de Favelas (OF), juntamente com a produtora Automática e tem atuado no território desde 2011. Nesses 12 anos, vem desenvolvendo atividades curatoriais de valorização, democratização e difusão de artes visuais e culturas periféricas, além de romper com narrativas violentas sobre o território favelado, mostrando as potentes produções que enaltecem e promovem discussões sobre a presença de sujeitas como donas de suas próprias histórias e dos direitos culturais que a elas pertencem.

Lembro das inúmeras visitas ao Galpão e, a cada uma delas, algo dentro de mim se expandia, se remexia, se movimentava. Olhar o espaço e ver sua magnitude física causava algo dentro de mim que só fui entender ao decidir escrever essa pesquisa. Aquele gigante galpão abriga portos onde barcos podiam ancorar e descansar. É um espaço de abastecimento, de trocas, de alegria. Desde o primeiro contato, me sentia parte integrante, como se estivesse em casa. Suas estantes recheadas de livros e vozes, as exposições que provocavam afetamentos, os sorrisos e as risadas das crianças que entravam e saíam do espaço, são memórias que estão sempre me remontando a cada visita. Essa última, em especial, destaca o elo que a comunidade faz com o *Bela*, apropriando-se dele como casa, como parte de sua identidade, como espaço comum e coletivo de existência para além da negação.

Instaurado em um território onde a violência é o primeiro elemento associado, o Galpão Bela Maré, em toda sua gigantesca magnitude, abre suas portas na tentativa de mudar a crença

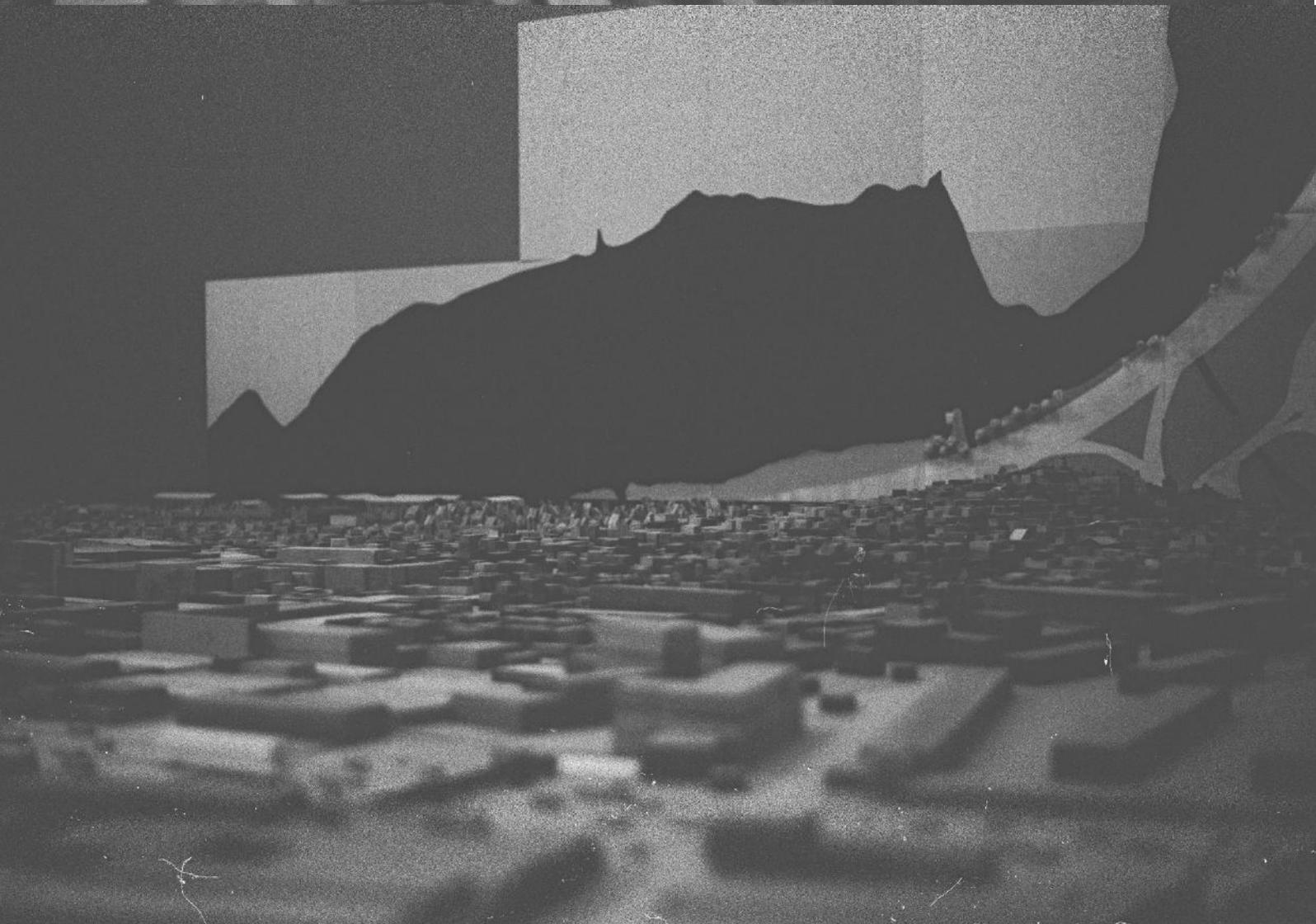
de que a favela é um espaço apenas de marginalização. O espaço que é de livre acesso a quem deseja conhecê-lo, sempre recebe seus visitantes de braços abertos. Nele, você pode passear e conhecer seus universos interiores, a grande maquete do Conjunto de Favelas da Maré e a infinitude de caminhos que se espreitam em cada metro quadrado do Galpão.

Há muito mais em disputa nesse espaço do que apenas o poder de narrar sua própria realidade. Há o trabalho de uma equipe compromissada em fazer isso de forma antirracista, respeitosa e justa. Há a realização de exposições, ações educativas, seminários e outras atividades artístico-culturais que promovem novos sentidos de pertencimento e existência para sujeitos marginalizados e que marca a descentralização do acesso à arte, cultura e educação das zonas mais privilegiadas. É nesse trabalho que a monografia se lança, na tentativa de mapear os elementos que cantam novos futuros.

Luisa me recebe em uma quarta-feira de muito sol. É início do outono, minha estação favorita, mas o dia seguia quente e úmido como um bom dia de verão carioca. Chego ao Galpão esbaforido e suado, pelos atravessamentos da cidade e do trânsito caótico da Brasil no horário pré-rush. Quando adentro, tento entrar no tempo daquele espaço, com a brisa assobiando entre as estantes em processo de organização. A escada alta, com seus corrimões azuis, guardava a segurança de uma das pessoas da equipe do espaço, que ali trabalhava com afinco em colocar os livros enfileirados. Esse era o meu movimento de desacelerar, de respirar. Só fazendo isso eu pude aterrar meu corpo-cabaça e ouvir as histórias de uma aventureira.

Marcada pelos trânsitos e encruzilhadas, Luisa se apresenta como a mulher das migrações. Do sertão da Bahia, mais especificamente de Itaberaba, a pesquisadora e coordenadora do Eixo Educativo do Galpão Bela Maré, me traz em sua narrativa como as mudanças foram necessárias para que ela pudesse entender suas heranças e a força que habita no caminhar. Com uma vasta formação em Educação, Museologia e Curadoria, ela me conta inúmeras histórias que a fizeram chegar até ali, a mais de 1400 km de distância do seu ponto de partida. E ainda há muitos quilômetros para percorrer, viu? Isso posso garantir.

Desde 2022 como coordenadora, Luisa apresenta maiores detalhes sobre como é que funciona aquele barracão de sonhos. Partindo do lugar da exposição *Travessias*, que funcionou como marco na luta pela existência do espaço, o Galpão Bela Maré soma inúmeras exposições que demarcam seu lugar de espaço cultural e educativo na periferia que está comprometido com a democratização do acesso à arte, junto aos direitos à vida e ao território.



Silva e Santos (2020) me contam um pouco mais sobre o poder de *Travessias*. Pelo nome, imagina-se um vai e vem frenético. Como apontam os autores, durante o período de 2011 a 2017, aconteceram cinco edições da exposição. *Travessias* provocou algo inédito e revolucionário que identifiquei como um caminho possível para continuar a missão do espaço: a descentralização da arte do círculo Centro-Zona Sul para um contexto de favela/periferia.

Somadas, as mostras reuniram mais de 50 artistas de todo o Brasil e colocaram a Maré e seus/suas moradores/as no mapa das artes visuais brasileiras e de nossas práticas culturais, recentrando o lugar da arte na cidade e criando fluxos contínuos de pessoas de todas as partes do Rio de Janeiro metropolitano rumo a Nova Holanda (SILVA E SANTOS, 2020, p. 75).

As favelas e periferias cariocas transbordam cultura e arte. Essa é uma informação que nem precisa de argumentação. A prova cabal disso é como, a partir de sua produção, a cidade acessa sua estética e delineado em um movimento orgânico e multiplicador. A questão aqui é o movimento proposto pelos autores de descentralização, é de atravessar as barreiras e limites impostos por aqueles que sempre foram chefes das narrativas:

Descolonizar o conhecimento na arte, em seus processos e modalidades, é contestar suas estruturas, sentido de valor e legitimação, nas noções estético-poéticas que, baseadas em formatos hegemônicos euro-centralizados, definia as noções de belo e, por consequência, estabelece legitimidades, enquanto modo de fazer artístico e suas ressonâncias em termos de visibilidade (SILVA E SANTOS, 2020, p. 78)

Na contramão e sem pedir passagem, o Galpão Bela Maré demonstra, em suas práticas, que é possível ter esse suleamento como referencial na busca por novos cenários de resistência e representação. Dividido em quatro grandes eixos - *Mediação e Acessibilidade, Formação, Mobilização e Articulação Territorial* e por fim, *Leitura*, com o qual me entrelaço no passeio das letras - o Galpão conta com o compromisso de não só falar de diversidade em sua produção, mas também no seu corpo estrutural tendo 100% de sua equipe racializada (pessoas negras e indígenas em todos os níveis de atuação). Uma evidência como essa provoca um movimento de ruptura com as lógicas brancas de acesso à arte, promovendo representatividade, tensionada também nesse escopo do espaço.

A pluralidade de narrativas é a mola propulsora das ações e atividades do espaço. Luisa me conta que o Educativo do Galpão tem como berço a Biblioteca, que funcionou e ainda funciona como ponte de conexão e comunicação com as pessoas da comunidade e as que acessam seus espaços. Quando o Bela Maré se estrutura enquanto espaço cultural periférico, as letras e os multiversos literários são apresentados como portais para novas realidades - que se distanciam da violência e acolhem as existências e vivências dos que os atravessam.

Essa foi a parte da conversa que mais me atraiu e lembro bem de me emocionar ao pensar na dimensão de como um espaço surge com o delinear das palavras. Os livros possuem uma magia de encantamento e mistério que só quem é corajoso para abri-lo pode desfrutar dos sabores e cheiros que saltam de suas páginas. A literatura sempre foi um ótimo tapete voador acelerando a viagem para universos da fantasia e da imaginação. Ela promove o sonho, o êxtase, a euforia e o descanso. E é por ela que há vida, latejando em sua mais pura abundância.

Na luta pela salvaguarda das memórias que contam essas histórias, o Educativo do Galpão Bela Maré executa um trabalho exímio com suas ações, em especial, o Eixo de Leitura. Através das atividades como “Leitura Convida”, “Leitura Indica”, " Contações de Histórias" e o mais novo “Clube de Leitura”, o eixo de Leitura tem promovido novos referenciais para se fazer e pensar a arte. Nesse planejamento com o coletivo, Luisa me conta que o Educativo vai aprendendo com seus educadores a como ler os mapas. A esse ponto, ela não sabia que estávamos os dois confabulando, não de forma plana ou linear, um atlas de possibilidades que tem como vértice o acolhimento e valorização da arte preta e periférica, entendendo em conjunto as figuras de produtores e consumidores desse universo onde está alocado.

A nossa conversa termina com Luisa me convidando a registrar o espaço com as minhas retinas e minhas reticências. Tantas coisas que habitavam meu coração e minha cabeça naquele momento só seriam transcritas e correlacionadas nas próximas páginas e visitas. Lembro de receber seu *volte sempre* com a certeza de que essa jornada estava apenas no início e eu, junto aos educadores, também aprenderia a decifrar e ler os mapas. Saí de lá com a minha câmera e meus olhos carregados de ondas que mareavam meu barco pelas marés que se apresentavam como cascatas.



Va
Goph

O
ES
PA
ÇO
DE
LEI
TU
RA

Este espaço é destinado
à leitura de livros e jornais.
É proibido fumar, beber
alcoól e comer neste espaço.
Boa leitura!



2. DAS MULHERES-SENHORAS QUE ME ENSINAM A MAPEAR O MUNDO

Deixar crescer até romper a manhã
Como o mar está sereno
Olha lá, as gaivotas já
Vão deixar suas ilhas
Veja o sol, é demais essa cidade!
A gente vai ter um dia de calor...
(Cigano – Djavan)

No percorrer de estradas, de desertos, campos verdes e montanhas, eu, peregrino, me misturo entre os passantes das ruas, avenidas, calçadas. Me faço local, turista, aventureiro. Atravesso os sinais, os semáforos e portões como quem sabe o caminho, pois ele se materializa - no céu, na palma da mão, no coração. Cruzar oceanos e desertos não é tarefa fácil, por isso trago comigo minha bagagem, minha bússola, meu diário e minha força de dar mais um passo, mais um lance de escadas, mais uma encruzilhada. Nesses arcabouços-livretos, destaco generosamente em pontilhados parágrafos, as suas ideias e teorias sobre os campos que envolvem essa pesquisa-contemplação.

Tudo começou com a minha ida a uma biblioteca. Era imponente, com um pé direito bem esguio e silhuetas de estantes que corriam do chão ao teto, sobrando apenas os espaços por onde o vento sibilava entre uma lufada e outra que entrava da janela lateral. Essa biblioteca parecia ter sido feita há séculos, mas ao mesmo tempo, faxinada como se fosse ontem. Sem pó, sem teias de aranha, mas com muita história. Com seus vitrais púrpura e suas estantes de mogno maciço, o prédio diante de mim me deixava inebriado e extasiado, como algum psicotrópico em meus receptores cerebrais. Tudo brilhava com uma luminescência âmbar, uma digna cena de filme onde o herói encontra saberes para sua jornada escondidos entre fileiras e mais fileiras de enciclopédias, manuais e dicionários.

Essa visita me proporcionou acessar memórias de quando era mais novo, lia muitas histórias fantásticas. O universo que se apresentava era o mesmo dos meus livros, esse cerne que aponta para caminhos. Havia sempre a figura de uma figura zeladora desse espaço, aquele que sabia navegar bem dentro dos corredores, categorias e códigos criptografados nas lombadas dos tomos ali dispostos, milimetricamente alinhados e separados. Ao adentrar essa biblioteca-santuário, três mulheres me recepcionam. Todas elas estavam à minha espera, eu sentia que se manifestaram diretamente de um universo outro, porque as imagens que via, eram imagens celestiais.

Vestidas em tons de bordô, magenta e lilás, as zeladoras me cumprimentaram com sua aura doce e acolhedora. Era como receber minhas tias, avós e outras matriarcas. Era a sensação de tê-las distribuindo risadas, esporros e quitutes nos encontros de família. O cheiro de lavanda, que inebriava a acolhida, me fazia lembrar dos patuás e das rezas de outrora. A primeira a falar seu nome foi bell hooks. Assim que ouvi seu nome, vi, de repente, um pergaminho desenrolado em suas mãos. Ela me convidou para chegar mais perto. E eu fui.

Nele, letras começavam a escorrer como águas brutas em uma cachoeira, tão certa de sua queda, mas também cientes de seu volume e intensidade. Ali, eu pude mergulhar e sentir o gosto doce acompanhado de um peixe que rompia as bolhas e descia apressadamente junto à correnteza. Depois de emergir, sentei-me em uma pedra próxima e a ouvi como se ouve um mais velho: de olhos e ouvidos bem abertos.

bell hooks me contava segredos que pareciam codificados em uma língua antiga, mas que ao mesmo tempo, atravessava sonoridades similares às minhas. Esforçava a cabeça e os ouvidos para entender os segredos e mistérios que aquela senhora me narrava, pacientemente e com a serenidade de uma jardineira. Ela podava, adubava, semeava e colhia de mim sentimentos de dúvida, angústia e excitação. bell hooks via crescer em mim árvores milenares, prontas a frutificar o solo onde seu fruto se deitaria. No transe de ser água-cachoeira-floresta-fruto, ela me fala em voz suave: *Como o desejo, a língua rebenta, se recusa a estar contida dentro de fronteiras. Fala a si mesma contra a nossa vontade, em palavras e pensamentos que invadem e até violam os espaços mais privados da mente e do corpo* (hooks, 2013, p. 223).

Meu primeiro desafio então foi encontrar uma língua que possibilitasse o transbordamento, a *rebelião e a resistência* (hooks, 2013, p. 228), que pudesse romper com os limites e assim, dançante, pudesse lambar tudo e todos com saliva, fogo e poder. Para que pudesse pensar em uma pedagogia, antes era necessário encontrar um conjunto de elementos que possibilitam a comunicação de saberes que transpassaram gerações, estes que nasciam em meu corpo-terra.

O português brasileiro, esse idioma forçadamente e violentamente introduzido nas realidades dos povos indígenas que aqui habitavam e aos africanos escravizados e trazidos durante os 400 de colonização, é a única fonte de referência, mas é nele, como aponta Lélia González (1984), que nasce a possibilidade de recriação: *pretuguês*, a chave de narrar novos futuros. bell hooks parecia adivinhar o que se passava na minha cabeça e continua:

Transformando a língua do opressor, criando uma cultura de resistência, os negros criaram uma fala íntima que podia dizer muito mais do que as fronteiras do *[português brasileiro]* permitiam. O poder dessa fala não é simplesmente o de possibilitar a resistência à supremacia branca, mas também de forjar um espaço para a produção cultural alternativa e para epistemologias alternativas - diferentes maneiras de pensar e saber que foram cruciais para a criação de uma visão de mundo contra-hegemônica. (hooks, 2013, p. 228, grifos meus).

A partir da língua, é que se degusta as experiências, que se sente o sabor amargo e doce das conquistas e perdas. Que se enlaça o beijo entre a mente, o espírito e o corpo na produção de serenidade. A língua é o que toca as pessoas, que nos provoca intimidade, proximidade, calor. E é por ela que conseguimos ejetar mundos onde o princípio não é a ordem e sim, a desordem. bell hooks (2013, p. 233) fala que na incapacidade de criarmos isso em nosso idioma padrão, “criamos uma fala vernácula fragmentada, despedaçada, sem regras”, na tentativa de viver em uma realidade guiada para e pela liberdade. Nesses mundos, educar se torna tarefa prática, onde a língua baseia as transgressões na abordagem do aprendizado, possibilitando que novas epistemologias surjam no fazer em conjunto com seus interlocutores.

Para bell hooks, a pedagogia engajada, isto é, o processo de aprendizagem e de educação libertária, nunca foi sinônimo de singularidade. Pelo contrário, a mestra sempre o entendeu como produto de uma coletividade que está focada em se ouvir, se respeitar e se fortalecer. Na troca, não podem existir coerções e ameaças, mas a mutualidade, o zelo e o acolhimento - de si e do outro, entendendo as galáxias e os sistemas solares e lunares que compreendem cada indivíduo.

Quando a educação é a prática da liberdade, os alunos não são os únicos chamados a partilhar, a confessar. A pedagogia engajada não busca simplesmente fortalecer e capacitar os alunos. Toda a sala de aula em que for aplicado um modelo holístico de aprendizado será também um local de crescimento para o professor, que será fortalecido e capacitado por esse processo. Esse fortalecimento não ocorrerá se nos recusarmos a nos abrir ao mesmo tempo que encorajamos os alunos a correr riscos. Os professores que esperam que os alunos partilhem narrativas confessionais, mas não estão eles mesmos dispostos a partilhar as suas exercem o poder de maneira potencialmente coercitiva. (hooks, 2023, p. 35)

Após sua fala, bell hooks se levanta e voltamos ao hall de entrada da biblioteca, onde as outras duas mulheres me aguardam no mesmo lugar de antes. Penso que se passaram horas desde meu primeiro encontro com elas, mas é como se o tempo fosse levado pelo vento de uma forma perene, quase etérea. A segunda mulher, à esquerda, me sorri calorosamente e eu sou tomada por uma alegria infinita, é como se eu tivesse a alma de criança em um corpo de adulto.

Com um sorriso frouxo e dentes à mostra, ela segura em minhas mãos e me puxa para uma caminhada ao redor da biblioteca.

Nilma Lino Gomes, como se apresenta a mim, com nome e sobrenome, é rápida em seus movimentos e me apresso para acompanhar seus passos. Atravessando fileiras e estantes, nos deparamos com uma pilha de livros em uma mesa ao centro. Neles, estão presentes um pouco da história da sociedade brasileira que Nilma, assertivamente, me diz que preciso conhecer. Ela abre o primeiro livro e as cenas saltam dos seus parágrafos.

Nilma narra que para que hoje pudéssemos falar sobre uma educação participativa e emancipatória, o Movimento Negro brasileiro foi fundamental para essa realização. Ela destaca que ao falar desse movimento, falamos de sua pluralidade de instâncias e manifestações, que durante o século XX e o século XXI, vem reformulando e revolucionando a forma de luta e de resistência da população negra no Brasil. Sobre isso, a mestra destaca:

[...] o protagonismo desse movimento social como um ator político e um educador. Ator político que produz, constrói, sistematiza e articula saberes emancipatórios produzidos pelos negros e negras ao longo de sua trajetória na sociedade brasileira. Tais ações têm como foco a população negra, mas não se restringem a ela. Visam à construção da sociedade e da educação como espaços/tempos mais igualitários, democráticos e justos para todos. O Movimento Negro ressignifica e politiza a raça, compreendendo-a como construção social. Ele reeduca e emancipa a sociedade, a si próprio e ao Estado, produzindo novos conhecimentos e entendimentos sobre as relações étnico-raciais e o racismo no Brasil, em conexão com a diáspora africana. (GOMES, 2017, p. 38).

Ao entender esse movimento como a ignição que movimenta a sociedade brasileira na luta pelo fim do racismo, se percebe a importância dos marcos que esse movimento trouxe e continua trazendo para os debates e práticas do campo da educação, território central dessa monografia. E como Nilma Lino Gomes continua narrando, o Movimento Negro também vem revelando como se edifica o racismo na sua essência, denunciando-o e fazendo com que o encarem de fato.

O Brasil construiu, historicamente, um tipo de racismo insidioso, ambíguo, que se afirma via sua própria negação e que está cristalizado na estrutura de nossa sociedade. Sua característica principal é a aparente invisibilidade. Essa invisibilidade aparente é ainda mais ardilosa, pois se dá via mito da democracia racial, uma construção social produzida nas plagas brasileiras. Através da narrativa do mito, que é extremamente conservadora - porém transfigurada em discurso democrático -, a igualdade das raças é destacada. A democracia fala de uma diferença homogeneizadora e inferiorizante, vista como 'cadinho racial', como forma 'híbrida' da cultura, como 'fusão racial' que acaba por cristalizar, naturalizar e subalternizar as diferenças, os grupos étnico-raciais e a sua história. (GOMES, 2017, p. 51).

Ouvindo Nilma falar, fico pensativo e com dor de cabeça tentando achar soluções para enfrentar esse problema estrutural, mas ela logo me assegura que existem formas de *hackear* esse sistema em minhas práticas. Apontando para o restante da pilha, encontrei ali um refúgio para a minha mente acelerada, que nessa altura do campeonato, já começava a projetar as inúmeras combinações que serão utilizadas na minha jogada. Ela se certifica de me deixar um pouco ali refletindo sobre aquelas letras e livros que logo se transformam em obras arquitetônicas em minha visão.

Penso no desafio que é cumprir com um currículo, nas práticas pedagógicas a serem adotadas diariamente para garantir o que a autora chama de *justiça cognitiva e epistemológica* (GOMES, 2019). Relembro de minha formação que aconteceu paralelamente ao processo de seguir um currículo engessado e atrasado do meu curso de graduação. Ele reflete conhecimentos que foram determinados por uma elite intelectual como importantes, mas ainda não transmite pertencimento nem identificação para aqueles que o veem sendo implementado. Nilma me olha de canto e percebe minha angústia. Ela vai a uma das estantes, estende um dos braços e pega um livro. Calmamente, vem à mesa e o deposita em minha frente. Vejo-a se afastar, mas ainda a ouço dizer:

É por meio da ecologia dos saberes que podemos realizar a superação da desigualdade epistemológica e política existente entre os distintos conhecimentos e tornar legítimas as diversas formas de conhecer, com destaque para os conhecimentos silenciados, negados e subalternizados durante o processo histórico de colonialidade do poder, do ser e do saber; e, assim, compreender e aceitar a diversidade epistêmica no mundo, a qual pode ser definida como justiça cognitiva. A justiça curricular será potencializada e alcançará uma dimensão libertadora e emancipatória se trabalhar articulada à justiça cognitiva. O currículo poderá ser não só analisado, mas construído de outra forma. A formação de professoras e de professores e a prática docente poderão ser orientadas na busca da justiça cognitiva, a qual não se separa de uma inserção política das educadoras, dos educandos e da política educacional e curricular no mundo. Um currículo pautado na justiça curricular e cognitiva mostrar-se-á sempre atento aos sujeitos e às suas práticas e a luta contra as desigualdades, discriminações, violências e injustiças. (GOMES, 2019, p. 1039).

A chave então está ali: é o conhecimento produzido por quem sempre foi deslegitimado, esquecido e vilipendiado durante o processo de estruturação da educação brasileira. O Movimento Negro, nesse sentido, foi o primeiro a identificar isso e lutou para assegurar caminhos possíveis de pensar estratégias e práticas para a valorização e aplicação desse conhecimento, mas cabe a nós, educadores identificarmos esses saberes em nossas redes e comunidades e os implantar em nosso cotidiano escolar. Mas como identificar esses saberes? Como recuperá-los? Como conectar-se com eles?

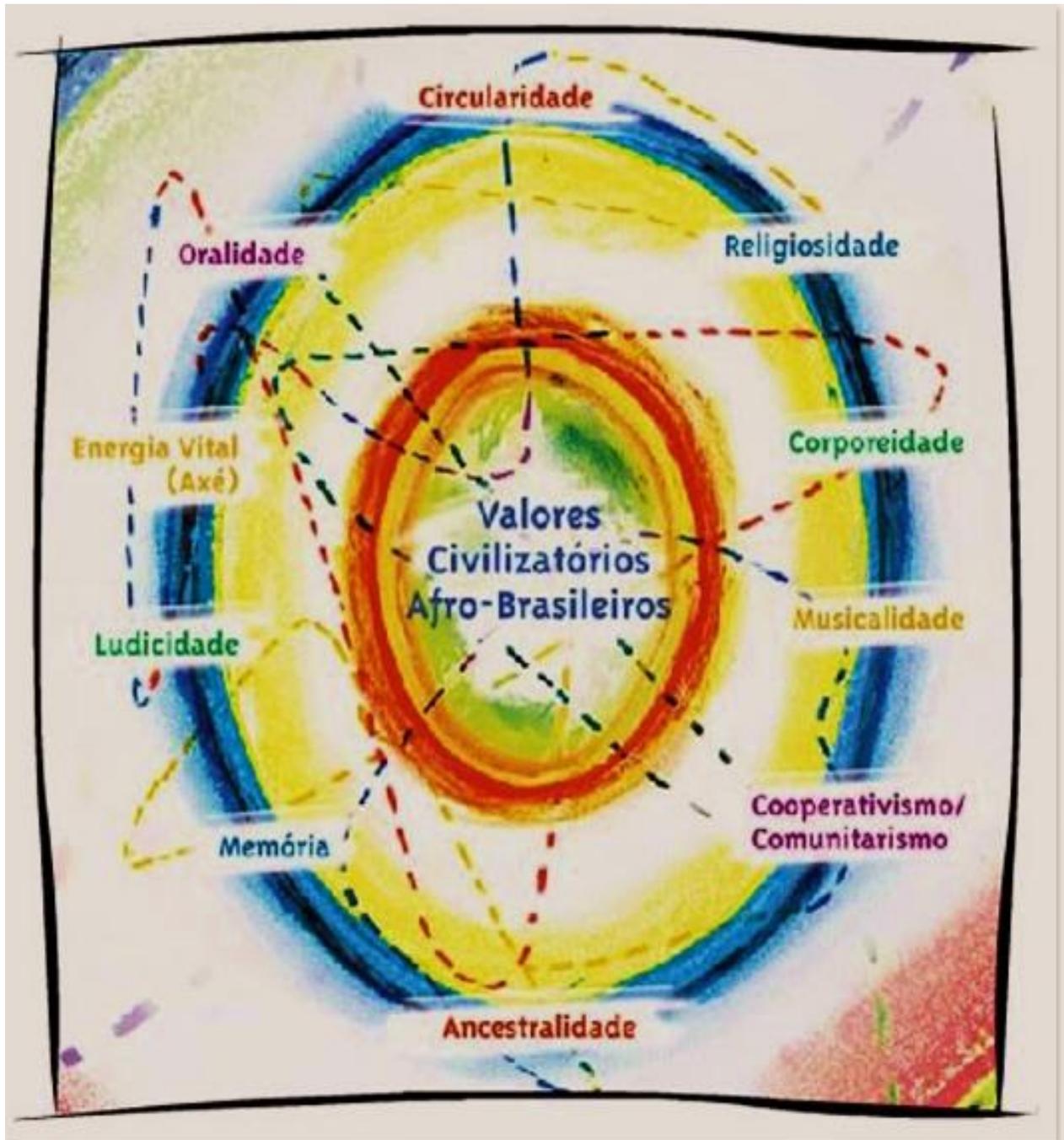
Para responder essa pergunta, em vez de Nilma, quem se apresenta é a terceira mulher que encontrei mais cedo no hall da biblioteca. Ela vinha cantarolando uma cantiga que penso ter ouvido em outras vozes. Não sei se é na voz de minha bisavó, que amava cantar enquanto fazia seu cabelo; ou seria na voz de minha avó, que cantava para as plantas e os beija-flores que vinham beber água doce em seu quintal; ou ainda na voz de minhas tias, que sempre ajeitavam as cortinas de suas casas ao som de algum pagode; ou quem sabe na voz de minha mãe que sempre cantou baixinho algumas de suas canções preferidas para mim quando criança e se tornaram então as minhas também.

Era difuso e melódico aquele canto, eu tentava entender se era na língua portuguesa ou uma língua ancestral, provavelmente africana. No momento que meus olhos encontraram com os dela, fomos teletransportados para a galáxia. Aqui, de onde falo nesse momento, o tempo voltou a ficar paralisado, pairando entre a gente como uma nebulosa cintilante e eu ouvi a voz dela: suave, tranquila e quente como uma xícara de chá. Ela se apresentou a mim como Azoilda Loretto da Trindade. Tudo assim, por completo. Aquela figura magnética e acolhedora me fez esquecer do motivo da curiosidade e estendeu as mãos para pegar algo no ar. No momento, não entendi, mas parecia ser um átomo circulando entre seus dedos.

Dentro daquele átomo, eu pude perceber inúmeras cores e formas se chocando em uma explosão intergaláctica. Era como se elásticos fossem puxados e lançados, como uma bola de *pinball* depois de explodir quicando entre colunas. Existia uma unidade de concentração e difusão de energia. Em suas órbitas, existia a vida e a pulsação do desejo. Nas camadas internas e externas, estrelava em disformes impactos partículas de uma essência tão poderosa. O que mais me despertava maior curiosidade era a forma como aquela estrela numinosa, enigmática, divina, enfeitada, revelava um dos princípios mais fenomenais de um átomo: a abstração do conceito de força. Como poderia algo tão pequeno e imensurável ser tão poderoso e de enorme potência?

Foi então - percebendo que estava maravilhado com aquela cena - que Azoilda me contou o que estava acontecendo, o que segurava em suas mãos. Ela falava com a firmeza de já ter vivido séculos e a sua postura era de uma sábia. Poderia ser facilmente confundida com um ser etéreo, com aquela magnitude angelical. Ela me narra que o que estava manifestado em frente aos nossos olhos era o sustentáculo da comunidade afro diaspórica ao redor do mundo. São a conjunção de elementos e saberes que fazem com que a chama da vida nasça nos corações e corpos negros ao redor do território brasileiro: *os valores civilizatórios afro-brasileiros*.

Mandala dos valores civilizatórios afro-brasileiros



Fonte: TRINDADE (2006, p. 16).

Ao destacarmos a expressão “valores civilizatórios afro-brasileiros”, temos a intenção de destacar a África, na sua diversidade, e que os africanos e africanas trazidos ou vindos para o Brasil e seus e suas descendentes brasileiras implantaram, marcaram, instituíram valores civilizatórios neste país de dimensões continentais, que é o Brasil. Valores inscritos na nossa memória, no nosso modo de ser, na nossa música, na nossa literatura, na nossa ciência, arquitetura, gastronomia, religião, na nossa pele, no nosso coração. Queremos destacar que, na perspectiva civilizatória, somos, de certa forma ou de outras formas, afrodescendentes [...] (TRINDADE, 2005, p. 30).

Ao ouvir Azoilda contar que esses valores civilizatórios afro-brasileiros se manifestam dessa forma, tudo dentro de mim pareceu reagir àquele átomo. Era como sentir a energia vibrar e se movimentar dentro de mim. O elemento interestelar e poderoso ali pairando em suas mãos era o que me constituía e que confirmava a presença dessa herança transgeracional. Ao perceber, Azoilda me sorriu e continuou: *a cultura, a cultura afro-brasileira, é cultura do plural, do coletivo, da cooperação. Não sobreviveríamos se não tivéssemos a capacidade da cooperação, do compartilhar, de se ocupar com o outro* (TRINDADE, 2005, p. 35).

Agora fazia sentido ter recebido essa visita da terceira mulher depois de todos os ensinamentos que as outras duas me transmitiram. Não se pode construir um movimento de pedagogia da autonomia sem pensar na linguagem que encontramos para manifestar essas ausências e desejos, onde o pulsar deles seja a energia que nos leve a engajar na missão de sermos aprendizes-mestres. Portanto, no movimento de executar esse diálogo e contato, precisamos entender a ancestralidade como elemento basilar. Mas não para por aí. Azoilda, antes de me apontar uma porta ao fundo, finaliza:

Temos que nos saber aprendizes, eternos aprendizes, na medida em que estamos no momento de inventarmos a roda de um trabalho multicultural na educação. Iremos inventar, porque não existirá O trabalho único, que deverá ser seguido, imitado, copiado pelos demais. Cada grupo, cada coletividade, cada comunidade escolar deverá buscar construir a sua roda (ou suas rodas), mas como não se trata de ilhas de pessoas, como o conhecimento é coletivo e construído em comunhão, algumas palavras-ações básicas devem ser fortalecidas [...] (TRINDADE, 2013, p. 61).

Atravesso a porta como quem rompe um útero e nasce: lágrimas escorrem pelo rosto. Sinto o primeiro ar entrando em meus pulmões. Vejo as três senhoras-mulheres em minha frente e seus olhares me dizem: *bem vindo*. Penso que a vida me presenteia abundantemente com o encontro e assim entendo o caminho que preciso percorrer. A coletividade foi o que me enveredou por essas estradas e segue sendo ela a bússola que direciona meus passos aos (des)encontros. As mulheres negras, essas e outras que me gestam, me ensinam o valor da vida a partir da recuperação da ancestralidade: *Sankofa*. Retornos. Caminhos. Seguimos.



3. DOS SOLOS RACHADOS ONDE NASCEM GIRASSÓIS: OS CAMINHOS METODOLÓGICOS

Você não vai me encontrar por aí
Em qualquer esquina
Pois tenho minha bagagem
Sou da malandragem e ninguém me ensina
Mas se eu provar teu veneno
E for café pequeno não estricnina
Pode ser que eu vá te dar o mapa da mina

(Mapa da Mina - Grupo Fundo de Quintal)

Durante essa jornada, também me encontro com cidades e mercados. Esses mercados me apresentam diferentes formas de negociação e estratégias de conexão, que fazem com que minha viagem seja respeitosa e cheia de afetações. Para tanto, como essa pesquisa surge também das ausências que encontrei durante minha caminhada de vida e de formação, esses mercados, sabiamente, adiantaram o caminho e me propuseram escolher os melhores elixires que irão preencher de forma balsâmica esses vazios que apontam novos preenchimentos, novas marchas. Como agradecimento, trago a responsabilidade de refletir sobre as muitas possibilidades que esses feitiços que cantam sortilégios podem oferecer para se pensar a pesquisa e o fazer investigativo. E nas franjas de seus saberes, trago comigo os pensamentos e visões que alicerçam a forma de chegada a esses mares e terras que habitam sonhos de fertilidade.

Os primeiros mercados que se apresentam são Passos, Kastrup e Escóssia (2009), com o livro *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. O livro, que surge a partir das inquietações encontradas por professores pesquisadores do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense e do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, lança mãos que desejam encontrar caminhos que norteiam o fazer científico a partir de uma metodologia de construção coletiva de conhecimento. No compilado de artigos, os autores são convidados a somar nesse mapeamento nada plano da pesquisa-intervenção que desvendam caminhos outros.

A cartografia tem muito para contribuir com os enlaces e diagramações que esse texto-experiência se propõe a desenhar. Em um papel investigativo, encarno o personagem e uso lupas para farejar as “pistas”, denominação usada pelos autores de cada capítulo, para assim entender esse grande mapa que é a metodologia proposta e suas aplicações. Absorvido pela

experiência de leitura, trago aqui apontamentos interessantes que me auxiliaram na ingestão desses elixires que me fazem enxergar novas possibilidades.

Para apresentar a cartografia, uso as palavras de Passos e Barros (2009), que cantam a primeira pedra desse bingo: a cartografia rompe regras e diretrizes postas. Ela é, como diria o grande poeta Carlos Drummond de Andrade, a flor que rompe o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio:

A Cartografia como método de pesquisa-intervenção pressupõe uma orientação do trabalho do pesquisador que não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas nem com objetivos sem direção, já que a cartografia reverte o sentido tradicional de método sem abrir mão da orientação do percurso da pesquisa. O desafio é o de realizar uma reversão do sentido tradicional de método - não mais um caminhar para alcançar metas pré-fixadas (*metá-hódos*), mas o primado de caminhar que traça, no percurso, suas metas. A reversão, então, afirma um *hódos-metá* (PASSOS E BARROS, 2009, p. 17, grifos meus).

Como apontam os autores, a cartografia desorganiza, movimenta e embaralha. De certo, ela move as estruturas basilares da pesquisa científica tradicional, que é ir a campo com as certezas pré-estabelecidas, com a determinação de justificar o problema, de separar o sujeito do objeto do conhecimento. De primeira, esse movimento veio de encontro a outros autores e pensamentos que encontrei durante meu processo de formação. Lembro que cheguei a imaginar a minha monografia dentro deste *metá* outro, este que busca compreender na prática as teorias pré-prontas, desassociando-me do meu objeto de estudo. Quando apresentei meus desejos de pesquisa para minha orientadora, esta me trouxe logo a provocação de tentar enxergar o fazer científico da pesquisa a partir desse novo horizonte, que já não se alicerça nas certezas e sim nas entrelinhas dos percursos. E ao perceber que o caminhar é que determinaria as diretrizes dos passos, me certifiquei que essa pesquisa já estava sendo realizada desde que adentrei o espaço educacional lá na escola municipal do meu bairro, o que me faz pensar em outra contribuição dos autores sobre essa metodologia:

[...] toda pesquisa é intervenção [...] pois a intervenção sempre se realiza por um mergulho na experiência que agencia sujeito e objeto, teoria e prática, num mesmo plano de produção ou de coemergência - o que podemos designar como plano da experiência. A cartografia como método de pesquisa é o traçado desse plano da experiência, acompanhando os efeitos (sobre o objeto, o pesquisador e a produção do conhecimento) do próprio percurso da investigação (PASSOS E BARROS, 2009, p. 17-18).

Se toda pesquisa é intervenção, eu venho alinhavando com as agulhas da experiência todo esse tecido de vivências que compõe a capa que me recobre durante as noites de viagem e dias de sol, enquanto atravesso os caminhos na intenção de desvendar esses enigmas que me atravessam desde a minha experiência escolar. Utilizando outros códigos e outras linguagens,

a cartografia se reafirma como manifestação possível para as canções-súplicas que venho sussurrando para o vento todo esse tempo. É ela que dá melodia para que eu possa continuar pensando as bifurcações que são esboçadas pela força da vida. A cartografia, como aponta Alvarez e Passos (2009), me possibilita habitar um território existencial.

O aprendiz-cartógrafo [...] vai percebendo que não há outro caminho para o processo de habitação de um território senão aquele que se encontra encarnado nas situações. Mais do que um aprendizado de regras, o aprendizado da cartografia implica numa ambientação aos espaços do campo, onde realmente podemos treinar nossa paciência e atenção aos acontecimentos [...] A habitação de um território existencial está mais ligada a uma disposição de composição do que à execução de normas técnicas. Não se visa a uma submissão ou um domínio do campo pesquisado, mas a um fazer com, compondo com os elementos envolvidos [...] Esse aprender **com** acaba por cultivar no aprendiz a necessidade a disposição do engajamento no campo pesquisado (ALVAREZ E PASSOS, 2009, p. 147-148, grifos dos autores).

Quando decidi narrar as experiências vividas pelo Educativo do Galpão Bela Maré, mal sabia que toda a pesquisa já se estabelecia a partir do meu primeiro contato com o espaço, com as inquietações que me surgiram ao ver aquele imenso e gigantesco terreno de infinitudes. Eu pude sonhar e habitar, pude repousar minha cabeça durante a viagem, pude beber e comer, pude me sentir em casa. O fazer científico pouco importava até então, mas a certeza de que podia ser eu, com minhas particularidades e universos, fez com que meu apreço e afinidade aumentasse, principalmente pela rede de trocas e parcerias que criei desde a primeira visita.

Alvarez e Passos (2009, p. 147) salientam que o tempo é elemento fundamental nesse processo de “repouso e de espera”. O tempo, aliado no processo cartográfico, revela na bússola os caminhos a serem percorridos e a direção a ser tomada. Ele brinca também de enganos, mas nunca dá um ponto sem nó, como diz o ditado. O tempo se encarrega de revelar também nas danças e nas andanças o mundo a ser desvelado, reconhecido. O tempo, meu grande amigo, me fez perceber que fazer cartografia é acompanhar processos, entendendo o processo como processualidade, como apontam Barros e Kastrup (2009).

Quando tem início uma pesquisa cujo objetivo é a investigação de processos de produção de subjetividade, já há, na maioria das vezes, um processo em curso. Nessa medida, o cartógrafo se encontra sempre em situação paradoxal de começar pelo meio, entre pulsações [...] O caminho da pesquisa cartográfica é constituído de passos que se sucedem sem se separar. Como o próprio ato de caminhar, onde um passo segue o outro num movimento contínuo, cada momento da pesquisa traz consigo o anterior e se prolonga nos momentos seguintes (BARROS E KASTRUP, 2009, p. 58-59).

As pulsações que cercaram o fazer metodológico dessa escrita estão centradas no verbo, na palavra. No começo, eu sou verbo. No meio, também sou verbo. Através do verbo, nasço e

me esparramo, reflito e repouso. A partir do verbo, interpreto e flutuo, comunico e silencio. Ele é quem me possibilita expressar vozes-sinais-semáforos com minhas pausas no Galpão. Ele me mostra como chegar, pisando devagarinho nesse chão, como canta a canção. O verbo me interliga às corpos-constelações presentes naquele mapa de estrelas. Por ele, sou letrado em decifrar enigmas. O verbo me impulsiona a atravessar a faixa, a passarela, o quadrante. Ele me atreve a romper com moldes, a me aventurar.

O verbo é quem segura minha mão quando eu estou na pista, no trânsito, na calçada. Ele me sinaliza a hora de parar e sentir. Através dele, me alinho ao pé-direito que sustenta as telhas e vigas, aço retorcido no *espaçotempo* de ser imenso. Para o verbo, dedico tempo e escuta, ao qual me responde baixinho ou em altos gritos, mas sempre me dizendo a verdade, verdade essa que tenciona mais e mais minhas placas tectônicas.

Esses segundos mercadores que se achegam a mim têm a voz como principal meio de convencimento a me levar com sua lábia. As vozes, que chegam antes dos corpos, me levam a abraçar o papo e eu perco horas ali num diálogo intenso e de muitas fricções. Um farfalhar de anúncios, objetos voadores, sinais com a mão. Me sinto na feira do meu bairro, respiro com a certeza de que vou fazer um ótimo negócio ao pechinchar frutas-sabores que deleitarão meu paladar. A conversa, essa que contagia o espaço, é o fio condutor para um saber que comunidades tradicionais carregam consigo por gerações e temporalidades: a palavra.

Organizado por Ribeiro, Souza e Sampaio (2018), o livro *Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?* nos aponta caminhos de tremura onde se questiona um dos principais hábitos de comunicação interpessoal entre seres humanos como a possibilidade de narrar experiências em *espaçotempos*. Sismo em me abalar e deixar me mover por ele, que me apresenta mais uma outra face desse mercado de troca que encontro na jornada: a conversa como metodologia de pesquisa.

Nessa troca, quando nós, pesquisadores do campo da Educação, adotamos essa metodologia, como aponta Sampaio, Ribeiro e Souza (2018, p. 22, grifos dos autores),

nos tornamos aprendizespensantes, (com) partilhamos experiências pedagógicas e investigativas através de nossas narrativas orais, escritas e/ou imagéticas. Dessa forma, ao tornar-se parte-elemento-corpo presente da pesquisa, deixa-se “a lógica de explicação” e passamos a usar uma “lógica de conversação”, onde se busca “estabelecer uma conversação na qual, ambas [as partes], possam fazer ressoar sua palavra, seus ecos, e talvez, pensar e estranhar essas próprias palavras” (SAMPAIO, RIBEIRO E SOUZA, 2018, p. 24, grifos meus).

Com a palavra, eu aprendo a comunicar, mas também a ouvir seus ecos. Os autores são enfáticos em apontar como a conversa funciona muito perfeitamente em aterrar o *aprendizpensante* em seu processo de o que chamo de *presençaafetação*, no espaço de pesquisa:

A conversa, é, talvez, de alguma maneira ou em alguma medida, a arte de se fazer presente, de dar o tempo, isto é, de se colocar disponível a ouvir, a escutar, a pensar e partilhar com o outro o que nos habita, fazendo dessa ação não só uma possibilidade de investigação, mas, antes, de transformar-se no próprio ato de investigar (SAMPAIO, RIBEIRO E SOUZA, 2018, p. 36).

Em se tratando de estar presente, no movimento de enraizamento, se abre a possibilidade de florescimento. Conversar, para Ferraço e Alves (2018, p. 59), *é o exercício do pensamento que difere, é acontecimento, é negociação, é experiência, [...] tem o sentido de insurgir e crescer pelo meio, como em um rizoma*. Entendendo a conversa então como parte orgânica de um *rizoma* que movimenta as matrizes e os fios dos relacionamentos, é plausível que essa metodologia mude as realidades. Se é pela realidade que ela nasce, é através dela que ocorrem os processos de ruptura, de germinação. Quando uma planta resolve brotar, ela rompe naturezas e solos antes inquebrantáveis. Sob esse olhar, a conversa remexe e redistribui opiniões e verdades que trago enquanto pesquisador em movimento para uma suspensão e afastamento. Ela me faz sambar na corda bamba e me permite equilibrar novos pesos e pratos a girar apoiados em varas. Ela me faz viver o agora e somente. Agradeço a chance de viver o presente.

Nessa troca com mercadores, vejo que um deles me observou de relance do outro lado da estrada. Ele me fita e eu desvio o olhar. Mas há algo ali que me instiga e intriga meu pensamento. Atravesso a rua e me deparo com suas imagens, postas e emolduradas em sua barraca. Esse autor, de maneira bem astuta, me pede para fechar os olhos e olhar o sol. Sigo seu pedido e sinto meu rosto ser tomado por uma onda de calor e feixes de luz nas pálpebras, que oscilam em tons alaranjados e avermelhados na busca de sentir os raios ultravioletas adentrarem a epiderme. Didi-Huberman (2012), esse mercador, me pergunta: *o que você vê?* E eu, sem muito entender, o resto: vejo mundos.

Nesses mundos em que vejo, as imagens estão atreladas a uma ausência. Como Copque (2020), que se pergunta sobre as imagens que lhe faltam e revisita sua memória, repito seu questionamento ao ser indagado por este autor, que se apresenta como um adivinho, questionando o porquê do meu desejo de falar sobre as imagens, estas que para ele, estão absolutamente próximas de tocar o real, que as queima. Mas como isso é possível? Por que as

imagens encontram o fogo, seu arqui-inimigo no movimento de continuidade? Esse velho mercador, rindo frouxo, me responde:

Porque a imagem é outra coisa que um simples corte praticado no mundo dos aspectos visíveis. É uma impressão, um rastro, um traço visual do tempo que quis tocar, mas também de outros tempos suplementares – fatalmente anacrônicos, heterogêneos entre eles – que não pode, como arte da memória, não pode aglutinar. É cinza mesclada de vários braseiros, mais ou menos ardentes. Nisto, pois, a *imagem arde*. Arde com o real do que, em um dado momento, se acercou (como se costuma dizer, nos jogos de adivinhações, “quente” quando alguém se acerca do objeto escondido). Arde pelo desejo que a anima, pela intencionalidade que a estrutura, pela enunciação, inclusive a urgência que manifesta (como se costuma dizer “ardo de amor por você” ou “me consome a impaciência”). Arde pela *destruição*, pelo incêndio que quase a pulveriza, do qual escapou e cujo arquivo e possível imaginação é, por conseguinte, capaz de oferecer hoje. Arde pelo *resplendor*, isto é, pela possibilidade visual aberta por sua própria consumação: verdade valiosa mas passageira, posto que está destinada a apagar-se (como uma vela que nos ilumina mas que ao arder destrói a si mesma). Arde por seu intempestivo *movimento*, incapaz como é de deter-se no caminho (como se costuma dizer “queimar etapas”), capaz como é de bifurcar sempre, de ir bruscamente a outra parte (como se costuma dizer “queimar a cortesia”; despedir-se à francesa). Arde por sua audácia, quando faz com que todo retrocesso, toda retirada sejam impossíveis (como se costuma dizer “queimar os navios”). Arde pela *dor* da qual provém e que procura todo aquele que dedica tempo para que se importe. Finalmente, a imagem arde pela *memória*, quer dizer que de todo modo arde, quando já não é mais que cinza: uma forma de dizer sua essencial vocação para a sobrevivência, apesar de tudo (DIDI-HUBERMAN, 2012, p. 216, grifos meus).

Depois desse ensinamento sobre o poder das imagens, outra mercadora nos espreita da barraca ao lado. Ela sorri, diz seu nome - Vilma Neres - e mostra uma fotografia. Seu rosto é bem familiar, seu jeito de falar me lembra uma tia, aquela que sempre estava presente nos almoços de domingo com sua gargalhada alta e seu paninho no ombro. Parece que uma ficha caiu e eu me lembro de momentos da infância, onde a câmera fotográfica estava presente nas nossas comemorações. Minha família amava esses momentos. Celebrávamos a vida e registrávamos no tempo e no filme aquela algazarra de crianças, adultos e muita alegria. Essa fotografia que ela me mostra me acompanha de uma fala sua:

[a *fotoescrivência*] funciona para identificar a prática fotográfica associada à atuação de fotógrafas negras e de fotógrafos negros, como parem que assumem o protagonismo de suas ações, em um exercício de espelhar perspectivas que refletem interesses e experiências pessoais e, igualmente coletivas. Já que nossas identidades sociais nos direcionam para determinados tipos de vivência que nos impõem a ser e a agir com consciência crítica e em busca de uma rede de solidariedade, por compartilharmos da experiência do racismo e de outras opressões que ainda estruturam as relações étnico-raciais nesse país [...]
[...] essas pessoas sustentam narrativas visuais que ultrapassam a ideia de memória individual, forjando também uma memória coletiva e social. Portanto, são fotógrafas e fotógrafos que contribuem para a construção de memórias históricas, uma vez que a imagem pode resistir ao tempo e eternizar acontecimentos (NERES, 2021, P. 13-14, grifos meus).

Atravessado por essas duas perspectivas sobre a imagem - a da *imagem que arde* e a *fotoescrivência* - decido por registrar o cotidiano dessa jornada. Na intenção de manter o calor e a chama das imagens que ficaram perdidas em uma memória antepassada minha e dos meus e que como a fênix, reerguendo-se das cinzas, alicerço-me na fé e na esperança de remontar um caminho que aponta para o futuro, onde posso costurar reconexões e ressignificações. Do pó que antes fazia poeira aos meus pés, varro tudo para dentro do retrato analógico que conta histórias de prosperidade e luz - elemento revelador do que fica além da película, do frame, do segundo. Sigo com minha câmera e preparo o disparador na ânsia de poder falar das imagens como parte de uma narrativa amplificada - pelo sentido de construção de uma cosmovisão sobre as práticas educacionais do espaço de cultura inserido na periferia, bem como na elaboração de um álbum de memórias que poderão ser acessadas por quem quiser e desejar saber e conhecer mais sobre essa experiência.

O sol aponta no horizonte que é chegada a hora de partir. Ele, imponente e majestoso, anuncia seu descanso e a chegada da noite. Chego ao fim do mercado e ouço uma gargalhada. Olho para trás e não vejo mais nada, apenas sinto uma força latejar no meu peito. Chegou a hora de pôr meus pés na estrada e entender que, como diria Conceição Evaristo, *a gente combinamos de não morrer* (EVARISTO, 2016, p. 99). Sob a sua tutela e proteção, olho pra frente na certeza de estar realizando a minha *escrevivência* junto da de tantos que me atravessaram - voluntariamente ou involuntariamente. O caminho parece esperançoso quando lembro que eu cheguei até aqui com a força ancestral que retroalimenta minha futuridade. No desejo de conhecer o desconhecido, aperto com fé as mãos do destino e deixo que ele me guie para os encontros e desencontros que me aguardam nas esquinas e encruzilhadas que passar. Gargalho com a inocência de um menino, caminho com a força de uma multidão. Eu não estou só, essa é minha reza.



4. DAS ANDANÇAS E FRONTEIRAS: O QUE ME LEVOU AO GALPÃO

But if you suddenly lose
All the faith, all the light
If a storm come around
On a peaceful flight
Take a breath, make a wish
Aim yourself to the heights
Cause someway
You'll reach the stars

(Xênia França - Reach the Stars)

Essa monografia se inscreve enquanto runas que anunciam um caminho de possibilidades e dias promissores. Ao olhar as corpas-constelações que constituem essa galáxia, ao acompanhar o desfazer e refazer de suas estruturas no céu azul royal e preto, permito guiar meus passos na certeza de alcançar um território outro, este que imagino como um território de possibilidades e existências que validam um novo sentido de humanidade, pautado na vida e na voz dos que antes não podiam ser estrelas.

Na busca por esse novo território, vagueio entre cidades sempre tendo como referências as estrelas e o céu, que apontam ao um horizonte onde vejo nascer o novo e a esperança. Nessas andanças e caminhadas, encontro-me comigo e com os meus, com transeuntes e pedestres, outros viajantes de outros tempos, com minha bússola-fé de encontrar nos mercados a moeda-troca que possui valor imensurável - o saber das narrativas das constelações que me levam a visitar as cidades-existências que encontro pela jornada.

A professora de educação infantil do município de Duque de Caxias Carolina Neto me recebeu em uma quarta-feira de maio. Ao se apresentar, Carol, como preferiu que a chamasse, me apresentou ser muitas. Muitas ondas, muitos dentes, muitos sorrisos, muitas mulheres. Outras, negras iguais a ela. Outras, potentes igual a ela. Outras, professoras iguais a ela. Carol me apresentou sendo coletiva, rodeada, cheia de outros olhos, ouvidos, bocas e risadas. E por não estar sozinha, Carol se fez multidão com seu corpo, sua narrativa e sua trajetória escolar. Entre um sorriso e outro, me disse que além da educação, suas outras paixões são as artes visuais e o teatro, elementos artísticos que fazem parte também da sua prática de sala de aula. E nas suas práticas diárias, ela me contou um pouco sobre como faz a interligação desses movimentos na troca de saberes com seus alunos.

A professora se apresentou a mim também como sacoleira. Engraçado pensar nessa metáfora para se definir, pois para muitos, o sacoleiro é uma pessoa gatuna, que pensa sempre no lucro. Compra produtos geralmente em um preço mais barato para vender a um preço mais elevado. Mas ela, enquanto sacoleira, constrói um sentido de partilha, nesse mercado de trocas, onde oferece os livros como novas formas de contar sobre as identidades negras que atravessam sua existência e dos seus alunos em sala de aula e fora dela.

Ao ouvir esse termo, me surpreendi e até ri junto com ela, porque me fez pensar que a figura do sacoleiro sempre foi associada também ao do contrabando, da clandestinidade. Penso que, malandramente, Carol subverte a ordem curricular excludente e branca e contrabandeia conhecimentos em segredo com seus alunos, que se enriquecem com histórias riquíssimas que representam seus traços, sua história e seus corpos.

Essa habilidade desenvolvida por Carol demonstra na prática os percalços e desvios que se precisa fazer do discurso hegemônico e estruturante do ensino básico que não incorpora esses saberes como parte indissociável e imprescindível em sua formação e estruturação. Como sacoleira, nas suas pernadas dadas a duras penas, pulverizando novas letras e histórias, seu trabalho se resume em carregar o peso literal dos livros que se amontoam em sua bolsa, mas também o da representatividade que urge ao se deparar com as salas de aulas cheias de crianças e jovens sem referenciais. Ao tencionar o lugar da lei 10.639/08 como contraponto a esse esvaziamento encontrado por Carol em sua sala de aula, Barros (2018) nos aponta que

a aplicação da lei 10.639, nas mais diversas disciplinas, deveria evocar conhecimentos que desconstruíssem tais estereótipos e promovessem o encontro desses estudantes com as matrizes culturais que nos constituem como povo. Em última instância, esses conhecimentos deveriam criar uma ideia de pertencimento e orgulho em relação a uma história que extrapola os quinhentos e poucos anos do Brasil colonizado (BARROS, 2018, p. 27).

Entretanto, a implementação ainda não conseguiu dar conta de sanar as necessidades encontradas pela equipe escolar na luta por uma educação de qualidade e antirracista, onde essa literatura seja elemento principal do currículo. Nilma Lino Gomes, pedagoga, educadora e ativista pelo movimento negro, se apresenta como a voz que abre caminhos aqui. E nessa divisão do mar, Nilma, ao bater o cajado nesse solo, alarga passagens para se pensar novas formas de entender educação, raça e gênero. De fato, olhando para um dos principais pilares da educação básica, o Currículo, a luz de entender como se constrói esse campo, Gomes (2019) vai incorporando em sua construção corpos racializados, neste caso, pequenos corpos que fazem parte da Educação Infantil, mesmo público de Carolina, a outra professora que conversei.

A autora aponta que nos últimos anos, houve um crescimento dos retrocessos governamentais e das ondas fascistas e autoritárias que afetam diariamente o campo da Educação. Entendendo que esse sujeito atendido pela Educação Infantil *pertence aos segmentos populacionais que sofrem os problemas da perversa articulação entre desigualdades sociais e raciais* (GOMES, 2019, p. 1017), Carol, em sua prática pedagógica, reforça valores importantes que trazem para essas pequenas e pequenos um senso de humanidade e de dignidade a partir de uma perspectiva de ação de uma literatura que consegue dialogar com as vivências e questões que eles possuem.

Por exemplo, em um dado momento de nossa conversa, Carol me narra que um estudante de sua turma, ao ver um livro, se apegava e se apropriava dele de uma forma não demonstrada pelos outros alunos. O menino agarrava o livro e não queria soltar de jeito algum. Curiosa com a situação, a professora perguntou ao aluno o porquê de ele não ter soltado, o que obteve como resposta: *esse menino da capa tem o cabelo igual ao meu*.

Esse episódio demonstra que por mais que esse menino possa ter sofrido inúmeras negações de direitos, inclusive de se enxergar em seu espaço educacional, naquele momento, a narrativa transpassou a lógica da ausência. Com o livro, ele pode resgatar essa aproximação com sua cultura e ancestralidade, a partir de uma identificação, que para muitos pode soar breve, mas que para corpos negros, potencializa uma energia vital que nem imaginamos que carregamos.

Ao ver esse mar revolto e perigoso de violência causada pelas autoridades políticas e institucionais, além das ausências de encontrar percalços no recebimento de formação e materiais para suas ações, Carol busca crescer sua fé em uma nova possibilidade de existência, resistência e vivência para esses sujeitos através da busca por justiça curricular e epistemológica (GOMES, 2019), dois conceitos que fazem parte de sua proposta de construção de uma educação antirracista enxergada aqui como caminho possível e frutífero.

Ao centrar a análise no cenário político e na organização dos currículos escolares, Gomes (2019) parece desenvolver uma mudança de lentes - saindo de uma análise macro para uma perspectiva micro -, onde vai destrinchando, problematizando e minuciosamente analisando as instâncias que trabalham e se organizam a fim de impedir e dificultar o acesso digno e democrático de educação a essas crianças – negras, pobres, periféricas. Como aponta a autora, *a pouca abordagem teórica sobre esses sujeitos expressa o lugar não hegemônico que a preocupação com a criança negra ocupa na pesquisa educacional e no cotidiano escolar, mesmo nas instituições educacionais nas quais ela é maioria* (GOMES, 2019, p. 1022).

Cirurgicamente, Gomes (2019) abre uma fissura onde se é possível observar a educação infantil no seu cerne: o currículo.

Esse lugar subalterno impacta os currículos, os quais não são pensados e orientados para atender à especificidade racial dessas crianças e nem para compreender como o racismo se faz presente na Educação Infantil, não somente nas relações interpessoais entre as crianças pequenas, mas também na relação entre educadora/educador e criança negra, no trato da corporeidade negra nas instituições de Educação Infantil, na relação com a família e na abordagem pedagógica. (GOMES, 2019, p. 1022).

Dessa forma, como aponta a autora, a fim de solucionar esse problema e sanar essa urgência é através da compreensão da *criança negra como sujeito de conhecimento e de direitos* (GOMES, 2019, p. 1022), além da construção de práticas pedagógicas que entendam a questão racial como primordial e essencial. Carol partilha de narrativas emocionantes em nossa conversa em sua tenda-sacola.

Silvia Barros, mulher negra e professora do Colégio Pedro II e ex-aluna da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a mesma que me forma enquanto profissional da educação, chegou a minha trajetória universitária ainda em meus tempos de aluno de iniciação científica. Quando fui pesquisador CNPQ do Setor de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, lembro de ver o rosto de Silvia iluminando os seminários, conferências e outros eventos acadêmicos sobre a temática. Sabia que ela seria uma importante figura nessa escrita e a convidei para uma conversa.

De forma muito enfática em nosso primeiro encontro no final de um junho junino e com cheiro de quentão e pamonha, a professora destacou os desafios que significou a implementação de um currículo que trabalhasse com as questões raciais de forma contextualizada e transformadora. Ela me conta que a partir do desenvolvimento em conjunto com jovens alunos da oficina “Mulheres Negras e Literatura”, implementada no colégio que trabalha até o momento, o debate foi se alargando e a roda foi aumentando. A partir desse movimento, ela pode contar com a parceria de outras duas professoras negras - Caroline da Matta e Ingrid Matos - que a auxiliaram no processo de expansão e divulgação do curso, bem como na articulação na reformulação do Projeto Político Pedagógico Institucional (PPPI) de Língua Portuguesa à luz da lei 10.639/03.

Sobre esse processo da oficina, Silvia me conta que tudo surgiu a partir de uma demanda identificada por ela e outros professores que era a ausência no currículo e os entraves de se

discutir e aplicar essa temática. De forma surpreendente, a oficina mexeu com as estruturas hegemônicas da escola, possibilitando que novos debates e ações pudessem ter surgido das atividades e articulações dos professores, como as autoras destacam:

Tivemos como principais resultados a maior visibilidade para as discussões sobre racismo, machismo e invisibilidade das pessoas negras nos mais diversos âmbitos da sociedade. As práticas da oficina se expandiram para além dos encontros de leitura e passaram a ocupar outros espaços da escola, como a parede localizada em uma das rampas de acesso às salas de aula, onde, em novembro de 2017, foi construído um “paginário negro”, um mural colaborativo em que estudantes e docentes colaram páginas com textos de autoria negra (BARROS et al, 2018, p. 3).

Isso demonstra que o trabalho executado por Silvia, tal como uma tecelã, que alinhava e sobrepõe pontos, traços e linhas, costurando uma colcha de retalhos com as histórias e vivências de suas alunas e alunos na trama de uma nova educação comprometida com os princípios da luta antirracista na educação básica.

Quando se amplia a visão para o currículo que forma os atores educacionais que ensinam em sala de aula, vemos que o problema curricular está também inserido nas discussões sobre os espaços formativos, em especial, a graduação, que ainda possuem modelos engessados e arcaicos que não permitem a implementação de disciplinas obrigatórias no currículo. O que se vê são as tentativas de ruptura dessa estrutura a partir de professores acadêmicos engajados que criam, quando podem, disciplinas eletivas que buscam dar conta desse abismo na formação de novos profissionais das licenciaturas.

Ao compartilhar de sua experiência formativa no mesmo curso de graduação que o meu há cerca de 15 anos atrás, Silvia aponta que lá atrás essa já era uma questão debatida e reforçada, mas que não percebeu um avanço significativo no decorrer das décadas. Aluna ingressante no começo da década de 10 desse milênio, Silvia viu durante sua graduação a escassa oportunidade de aprender e relacionar os conhecimentos sobre as culturas e heranças sócio-históricas das culturas africanas no Brasil, nem tampouco as literaturas produzidas por autores afro-brasileiros.

Sua experiência se restringiu, assim como eu, a duas disciplinas - Ficção Africana e Poesia Africana - que fazem parte do currículo obrigatório de nossa habilitação (Literaturas de Língua Portuguesa). Essas disciplinas foram criadas a partir da fundação do Setor de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na década de 1990 na Faculdade de Letras e que hoje, ainda segue na luta por expansão e maiores cargas horárias para as disciplinas.

Um ponto essencial destacado por Gomes (2019) é pensar no âmbito universitário como se estrutura os cursos de graduação em licenciaturas múltiplas, principalmente porque serão essas e esses futuros profissionais que ocuparão as salas de aula das escolas públicas de educação básica. Dessa forma, para a autora, é necessária a organização curricular como chave para entender como os profissionais da educação trabalharão com temáticas que abarquem a existência de crianças e jovens negros. Nesse processo, ela elenca diversas questões, como por exemplo, de que maneira, dentro desses cursos, a questão racial se apresenta: de forma contínua ou se são tratadas apenas em cursos e disciplinas optativas, ou ainda se são apenas tratadas em *teorias sobre currículo, política educacional, didática, sociologia e antropologia* (GOMES, 2019, p. 1023).

Silvia me conta que na sua prática pedagógica, o professor/professora, em muitos casos, como foi o dela, vai fazer esse movimento isolado da articulação com outras disciplinas. Há também uma adoção de práticas por pressão externa, entendendo que há um lugar para se tratar dessas discussões em um contexto, geralmente extraclasse, como leitura paradidática. Ainda que ciente desses atravessamentos, ela me narra que se viu reproduzindo a lógica da solidão até nas práticas pedagógicas até a chegada de aliadas - outras duas professoras que a possibilitam expandir o diálogo para um contexto de solidariedade e coletividade.

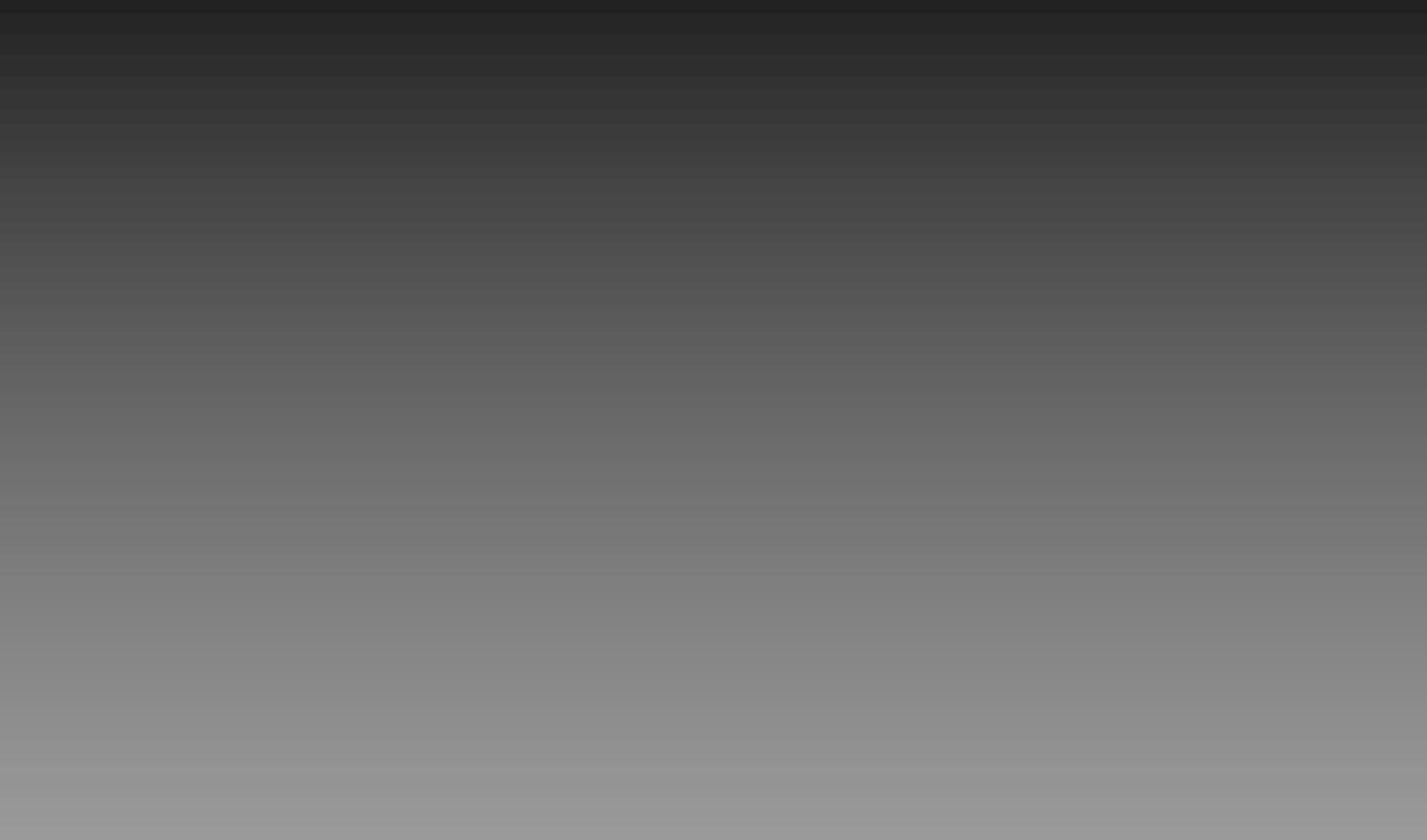
Em um momento da conversa, sobre a sua experiência com a universidade, ela me desabafa: *Não tive nada de 10.639. Foi um movimento por conta própria, tive que criar sozinha as possibilidades. Encontrava amigos e outros parceiros na jornada.* Esses encontros possibilitaram fabular as práticas de liberdade (hook, 2013) que entendo aqui também como uma outra realidade. Silvia me contou que durante a graduação, ter tido contato com a professora Vanessa Ribeiro em uma de suas aulas, pode despertar nela um novo sentido de referencial que um dia, ela viria se tornar para os estudantes que cruzaram seu caminho: “Ver ela vestida com as roupas e turbantes, eu pensei: pode ser professora universitária tendo essa imagem, sendo essa pessoa, sendo negra”.

Nada se constrói sozinho e Trindade (2006) já demonstrava em seus estudos que esse é o caminho possível para se fazer novas práticas pedagógicas. Na minha formação não foi diferente. Em 2017, após inúmeros casos de racismo no ambiente universitário, criamos coletivamente o Coletivo Negro Conceição Evaristo, espaço de aquilombamento e de fortalecimento dos estudantes negros que precisavam se conectar e entender que não existia a possibilidade de seguir sozinhos. O Coletivo funcionou como celeiro para que pudéssemos

discutir as ausências em nossa formação e tentar de alguma forma, preencher as lacunas e fissuras encontradas.

Pensando na formação, realizamos o primeiro congresso criado pelo Coletivo sobre a produção científica negra acadêmica onde as/os intelectuais presentes puderam discutir, em um espaço de resistência, seus projetos de pesquisas e pensamentos críticos sobre as áreas estudadas. Da área da Saúde até as Artes e Políticas Públicas, convidamos uma série de personalidades negras que desenvolvem pesquisas relevantes para a comunidade negra brasileira e que poderiam fortalecer nosso senso de pertencimento, empoderando nossa prática intelectual em um espaço totalmente branco e higienizado. A presença de Marielle Franco em uma mesa com a filósofa Katiuscia Ribeiro e a doutora Márcia Alves provocou abalos na visão que se tinha sobre a visibilidade dos estudos e pesquisas dessas mulheres. Relembro aqui palavras de Giovana Xavier: *você pode substituir mulheres negras como objeto de estudo por mulheres negras contando sua própria história*. E assim fizemos.

Essas experiências coletivas e de construção por muitas mãos são as maiores referências que podemos absorver e transmitir para as futuras gerações. Através do movimento circular é possível reconectar laços e caminhos que antes navegavam em direções únicas e dissociadas. Ao pensar no coletivo, eu não poderia tentar encontrar essas respostas em práticas de um lugar que sempre teve esse referencial como primeiro acesso em momentos de crise ou de celebração. As favelas são rizomas que vibram e fazem circular os nutrientes que fortalecem os corpos-mentos a não tombar - seja pela negação de direitos ou pela violência policial. Os territórios periféricos são constelações recheadas de estrelas que sucumbem, mas não caem e quando se tornam cadentes, provocam nos seus observadores o desejo fazerem pedidos, pedidos que se realizam, se manifestam: *“olha pro céu, meu amor, vê como ele está lindo...”*



5. VIVER-PULSAR O GALPÃO: O PODER DA PALAVRA NO CLUBE DE LEITURA

Eu amo a falta
de silêncio
do mar
Odoyá
Odoyá
Na maré seca eu deito
pra levantar
Na maré cheia
eu canto
pra levantar [...]

(Lia de Itamaracá - Falta de Silêncio)

Antes da pesquisa se apresentar como uma urgência dentro das minhas entranhas, as águas já tinham levado meu corpo a encarar as ondas presentes no Galpão Bela Maré. Das exposições e visitas espontâneas a amigos que trabalham na instituição, o meu processo de aproximação e de chegada aos mares mareenses se deu de forma a furar - a bolha das artes que circulavam o espaço central-sul e a onda de distanciamento aos afetos que construímos quando entendemos a produção da arte como experiência coletiva.

Em uma aula do curso *Arte, Cultura, Memória e Identidades* promovido pela Redes da Maré, um dos convidados, o professor e geógrafo Jailson de Souza e Silva, lançou a seguinte provocação: *a arte urge da troca*. A arte, segundo ele, surge a partir das confluências do corpo em seu movimento de caminhar e percorrer um determinado lócus, mas também na transmissão de sentidos a partir de diversas experiências - sensoriais, corpóreas, sinérgicas, ancestrais.

Ao adotar então essa premissa, acredito que minha pesquisa-arte surge desse lugar de troca. Minha chegada ao Galpão para desenvolver esse estudo em conjunto ao seu Educativo se dá a partir de uma ação inédita até então: a criação do Clube de Leitura. Quando vi o anúncio nas redes sociais do espaço, tratei logo de correr e me inscrever. Lembro que estava em um ônibus lotado em algum ponto da Avenida Brasil e foi até difícil digitar com uma mão e segurar o ferro com a outra, enquanto disputava com a gravidade e os corpos ao meu lado, um espaço em pé naquele transporte. O calor era tamanho que era possível sentir as gotas escorrerem pelas costas pressionadas umas às outras do outro lado do corredor. Era outono, mas viver no Rio é ter a certeza de viver um eterno verão.

Nosso primeiro encontro aconteceu de forma presencial e foi um prazer chegar ao Bela Maré e reencontrar algumas amigas de graduação - Diana e Isabelle. Com muitos abraços apertados e demorados, cercados por “meu deus, que saudade!”, “nossa, quanto tempo não nos vemos!”, “como que você está?” e outras perguntas na chance de engolir o abismo do tempo que nos separaram, senti que seria um espaço tão confortável e acolhedor que eu já estava feliz por completo (e nem tínhamos recebido a maior surpresa ainda).

Em roda, nos sentamos e pudemos olhar um para o outro, reconhecer no olhar um do outro as constelações que iluminavam nossas noites e os sóis prestes a nascer ali ao adentrarmos a narrativa de Geovani Martins. Os olhos dos presentes pareciam centelhas de faróis sinalizando caminhos para os barcos atracarem, mostrando que ali existia um porto, uma costa, um ancoradouro. Na dança da espuma que marejavam nossos ânimos, parecíamos viajantes de longa viagem em retorno ao seu espaço. Era importante nos reconhecermos ali, presentes um ao lado do outro, como parte de um território comum e convidativo a aportar.

Das curiosidades que a vida proporciona, houve um fato interessante que me fez pensar sobre limites expansivos de atracar: uma das participantes do clube era de outro estado, um estado que não possui mar: Minas Gerais. Por estar a quilômetros de distância das águas, Mikaella Pereira estava presente através de uma chamada de vídeo feita em um celular e as organizadoras do Clube a deixava apoiada em uma das cadeiras da roda como membra, marcando seu lugar na reunião dos navegantes. Achei aquilo engraçado e refleti depois que o poder da literatura é esse: romper distâncias físicas e geográficas. Ela dividia conosco a troca e com o sotaque bem mineiro, nos dava boas-vindas com o sorriso alargado.

Um após o outro, fomos nos apresentando: *eu sou fulano de tal, tenho tal idade, sou de tal lugar, eu sou próximo da literatura porque...* eram perguntas básicas, triviais para alguns, exceto a última: “qual é a sua familiaridade com a literatura?”. Essas, pegando alguns de surpresa, revelavam um pouco mais intimamente, algo sobre um interesse que todos ali possuíam: a literatura. Foi interessante ouvir as respostas das pessoas sobre essa pergunta, que variou desde a influência familiar, passando pela escola, até aqueles que sempre escreveram muito e liam muito. Muitos membros eram universitários ou estavam dentro de um debate sobre literatura em algum sentido, seja produzindo rodas de leitura em seu território ou passando pelos debates em sua sala de aula do ensino médio. A literatura era o que nos conectava e era ela que ditava os passos que aquela conversa ia levando.

Na tessitura de nossas vivências, partilhamos ali também nosso território, esse que era atravessado pelas experiências do livro que leríamos: jovens favelados, periféricos, lidando com os dilemas de uma cidade que insiste em usar o poder policial como máquina de moer corpos de forma truculenta e cruel. Éramos ali confidentes de um elo que atravessava as páginas do livro que seria o centro da nossa discussão, mas que nos conectava no presente, no ouvir das histórias que cada um acrescentava em sua apresentação.

Lembram da surpresa que falei ali em cima? Foi a seguinte: como parte do Clube, ganharíamos um exemplar do livro “Via Ápia” e ainda teríamos a chance de ter um encontro com o autor. Isso mesmo, Geovani nos receberia em um bate papo aberto sobre sua nova obra. Essa informação funcionou como uma chuva de 10x1: fogos, flores incandescentes queimando no nosso céu, aqueles que carregávamos no olhar. Felizes, sorrimos um para o outro e tamanha foi a animação da galera que já pensávamos nas perguntas que poderiam surgir com a leitura e que seriam respondidas, em alguma instância, pelo escritor. Exceto a menina de Minas, Mikaella, que não se alegrou tanto porque existia uma distância que a separava da gente. Mas nada que uma futura chamada de vídeo não pudesse resolver.

Começamos ali, em roda, baseados no princípio da circularidade, a tomar leitura das primeiras páginas do livro que eram saboreadas delicadamente por cada paladar que erguia sua voz na leitura de uma, duas, cinco, dez páginas. Lemos como quem consome um sorvete, quem chupa uma laranja, quem saboreia a palavra. Me lembro do poema de Conceição Evaristo (2017, p. 121):

Quando eu morder
a palavra,
por favor,
não me apressem,
quero mascar,
rasgar entre os dentes,
a pele, os ossos, o tutano
do verbo,
para assim versejar
o âmago das coisas.
[...]

O que fazíamos naquele momento era o mascar e triturar com os dentes da poética de Geovani na ânsia de se deleitar, de apreciar o paladar das palavras que chegavam aos nossos ouvidos como quem escutamos um vizinho, um parente, ou um desconhecido na rua: com gírias, com entonações, com molejo. Cada voz ali que lia uma página, um trecho, era mais um personagem a subir e descer as ladeiras íngremes da Rocinha, era mais um passante a ir na luta

pelo pão, no salão dar um tapa no visu ou na boca comprar aquela que deixava com a cara torta. O livro foi aberto e o convite nos chegou sem nem ter tempo de reagir: sobe na garupa e bota o capacete, bora dar um rolé de cria.

No processo de leitura, usávamos não só nossos olhos dançantes, mas nossa voz-corpo que se movia em altos e baixos, proferindo gírias e palavras sem concordância de plural, cantando novas formas de existência e de vida. Narrando coletivamente, ali, em roda e em contato com o axé que emanava dos nossos corpos, estávamos canções de vivacidade, promovendo novas possibilidades para que os personagens daquela narrativa pudessem se achegar a nós e nos contar sua visão de mundo. Assim como Washington, Wesley, Douglas, Murilo, Biel e tantos outros personagens de Via Ápia estavam sendo chamados a participar daquele círculo, no ritmo das batidas dos nossos corações e do tamborzão 150bpm que rolava em algum carro ou caixa de som do lado de fora do Galpão, também eram chamados os nossos ancestrais, amigos, parentes, vizinhos, alunos, professores, chefes, comunidade como um todo, convidados a vibrar e ressoar suas vozes. Quem me ensina essa mandinga da palavra é uma mulher negra, também de Minas Gerais, que um dia me disse assim:

[...] a palavra vocalizada ressoa como efeito de uma linguagem pulsional do corpo, inscrevendo o sujeito emissor num determinado circuito de expressão, potência e poder. Como sopro, hálito, dicção e acontecimento, a palavra proferida grafa-se na performance do corpo, lugar da sabedoria. Por isso, a palavra, índice do saber, não se petrifica num depósito ou arquivo imóvel, mas é concebida cineticamente. Como tal, a palavra ecoa na reminiscência performática do corpo, ressoando como voz cantante e dançante, numa sintaxe expressiva contígua que fertiliza o parentesco entre os vivos, os ancestrais e os que ainda vão nascer (MARTINS, 2003, p. 76).

Ao escutar as vozes-orações cantando essa genealogia latente e festiva, lembrei-me dos ensinamentos sobre os valores civilizatórios afro-brasileiros de Trindade (2005) que tanto permearam minhas visitas ao Galpão e todo o processo de vivência do Clube de Leitura. Como a autora aponta, elementos como a *Circularidade*, *Oralidade*, *Religiosidade*, *Energia Vital (axé)*, *Corporeidade*, *Ludicidade*, *Musicalidade*, *Memória*, *Ancestralidade* e *Cooperativismo/Comunitarismo* são princípios inscritos na memória e no corpo dos afro-brasileiros. São esses princípios que dão tessitura às múltiplas vivências da comunidade negro-brasileira e nos aponta os desafios para rompimento com as violências e o racismo em todos os âmbitos da sociedade.

A confluência atômica dos valores se manifestara na prática do Clube de Leitura do primeiro ao último encontro. Nas leituras que fazíamos, nos comentários, experimentamos

organicamente um novo paradigma de (re)existência. Do ato de concordar com a cabeça às risadas e “siiiiims” que compartilhamos quando alguém narrava algo similar da narrativa que também acontecera com eles, naquele círculo, vivíamos com o nosso corpo a memória, a oralidade, a cooperatividade, regados de axé e musicalidade de nossas vozes. Com o passar dos capítulos-diários, era certo de que o passeio pela trajetória de Geovani Martins, encarnado ali em seus amigos-eus-personagens, fabulavam novos sentidos de existência pelo proferir das palavras que faziam parte do vocabulário dos leitores e dos personagens.

A textualidade afro-brasileira e as performances da oralidade nos oferecem um amplo feixe de possibilidades de percepção, caligrafando a história e a memória dos afrodescendentes. Essa memória do conhecimento grafa-se, também, como aletria, nas pautas do papel e do corpo. Um saber que se borda pela fina lâmina da palavra ou no delicado gesto. Littera e litura. Gravuras da letra, do corpo e da voz (MARTINS, 2003, p. 80).

O Clube de Leitura se apresenta como um espaço múltiplo de descortinamento de visões e leituras de mundo que extrapolam o limite do papel. Como uma tatuagem, essas perspectivas registram também no corpo, os signos que outrora ficaram silenciados em um canto da memória e da rotina. Fazer de um espaço circular também um espaço de compartilhamento de experiências e vivências é ter a possibilidade de acessar lugares difíceis e de dor, em muitos casos, com a potencialidade da poesia e da literatura como instrumentos de diálogo e transmutação desses sentimentos.

Por vezes, a literatura funciona como uma catarse e trampolim para reflexões e debates que outrora não seriam promovidos por não ter abertura e/ou conforto e segurança. Nosso pacto, como membros desse clube, era de total confiabilidade e acolhimento. Éramos jovens que de alguma forma, nos comprometemos em acessar uma realidade transcrita em uma estrutura de romance, mas que vivenciada por todos ali em alguma instância. Da violência policial aos dilemas de acesso à cidade, víamos nossa vida performatizada e narrada naquele livro.

A violência policial foi uma recorrente durante o primeiro semestre de 2023 no Conjunto de Favelas da Maré. Uma das operações policiais aconteceu em um dia de encontro do Clube. O Eixo de Segurança Pública e Acesso à Justiça do Redes da Maré mapeou, até junho, 12 incursões policiais, como destacado na matéria produzida pela jornalista Jéssica Pires (2023). Essas operações policiais geram medo e insegurança por toda a localidade, impossibilitando o trânsito de moradores, crianças e jovens da favela, que se veem reféns de truculência e abuso de poder por parte das forças armadas. A mesma realidade que tanto

debate nos textos estava ali apresentada na cara dura, nos fazendo questionar: e será que existe vida para gente?

A resposta é a chave que Geovani Martins nos deixa para abrir as portas de novos futuros: SIM, existe vida, pois é ela que faz tudo tremer, tudo se movimentar, tudo seguir o fluxo das pistas em ziguezague que levam ao mais alto ponto, onde conseguimos ver tudo de cima, onde conseguimos ver o horizonte de possibilidades que nos aguarda. Ele, esperançoso tal como bell hooks (2013) e Nilma Lino Gomes (2019), anunciam que há a necessidade e urgência de continuarmos pensando diferentes formas de fazermos nossa existência pulsar. Como a lava que banha os seios do vulcão e endurece novas pedras até a boca; como as ondas que carregam conchas e empurram as tartarugas em direção à terra para desova; como os ventos que sopram entre as penas dos flamingos que cruzam distâncias continentais para procriação; como os salmões que cortam cirurgicamente as quedas d'água: precisamos continuar.

O corpo é, por excelência, o local da memória, o corpo em performance, o corpo que é performance. Como tal, esse corpo/corpus não apenas repete um hábito, mas também institui, interpreta e revisa o ato reencenado. Daí a importância de ressaltarmos nas tradições performáticas sua natureza meta-constitutiva, nas quais o fazer não elide o ato de reflexão; o conteúdo imbrica-se na forma, a memória grafa-se no corpo, que a registra, transmite e modifica dinamicamente. O corpo, nessas tradições, não é, portanto, apenas a extensão de um saber reapresentado, e nem arquivo de uma cristalização estática. Ele é sim, local de um saber em contínuo movimento de recriação formal, remissão e transformações perenes de um corpus cultural (MARTINS, 2003, p. 78).

Nesse sentido, o que o Educativo do Galpão Bela Maré executa com seus projetos dentro do eixo de Leitura faz a gente ficcionalizar, com a ajuda da ancestralidade e da religiosidade afro-brasileira, novas paraxes para se observar práticas milenares que possuímos. A contação de histórias e a narração das palavras são ações que culturas tradicionais realizam muito antes do sistema gráfico-escrito ser um dos elementos orientadores para nossa comunicação em sociedade hoje. E de forma sincronizada às nossas vivências, pudemos, durante o mês do Clube de Leitura, reconstruir e recosturar uma colcha de retalhos com nossos corpos-memórias. O corpo fala daquilo que o atravessa e, assim como nos aponta Ana Maria Martins (2003), é através dele que escrevemos (não apenas com signos linguísticos) as nossas memórias - memórias corporais coletivas marcadas pela palavra, pelo *ofó*: a força-motriz de nossas escrituras.

6. RUNAS QUE APONTAM NOVOS UNIVERSOS: REFLEXÕES SOBRE AS PRÁTICAS

Sorria mais, criança, pra não sofrer
Eu vi você, criança, no alvorecer
O sol se abrindo aos encantos de uma flor
Realizado o sonho de um grande amor
Eu embalei, eu embalei
Nos braços meus, criança, eu embalei
E aprenda lutar pela vida pra se prevenir
Conheça todas as maldades pra não se iludir
Espalhe amor por onde for
Quem sabe amar destrói a dor
Seja todo seu viver
Um mundo cheio de prazer...

(Dona Ivone Lara - Sorriso de Criança)

Guardo os corpos-constelações como cartões postais, não estes que se esquecem no fundo de alguma caixa empoeirada no fundo do armário, mas emoldurados nas paredes da minha vida e da minha futura prática pedagógica como educador em formação. A partir desse lugar de convergência e de encontros, é que consigo pensar nas futuridades dos fazeres que me aguardam pelo mundo. Depois de toda essa viagem, não saio do Galpão sem antes agradecer a minha vitalidade de perseguir rastros de uma prática que diz muito sobre rompimento com lógicas coloniais de silenciamento e apagamento histórico, cultural, artístico e literário das comunidades negras no contexto diaspórico e africano.

Caminhando comigo, agora consigo perceber todos os atores e atrizes que encenaram comigo a performance da vida na sua latência: das autoras e autores que sibilaram feitiços em meus ouvidos, aos amigos e colegas de profissão que dialoguei sobre como podemos romper com os desafios de promoção à leitura e à literatura, à equipe do Galpão Bela Maré que também acreditou que essa pesquisa-vivência pudesse de alguma forma impulsionar novos pensamentos sobre suas abordagens e metodologias. Eles me acompanharão a partir de agora na investigação das memórias que alastram meu corpo de destinos onde posso aportar e explorar.

Ao chegar ao final dessa escrita, encontro dificuldades de finalizar ciclos e etapas. Durante todo o processo de elaboração narrativa da pesquisa, muitas coisas atravessaram a minha cabeça: *o que de fato precisa estar aqui? Quais são os mapas que compõem essa história? Qual a relevância de pensar as práticas de um espaço cultural?* O que isso tem a ver

com o fazer diário das escolas? *Essa pesquisa se acaba aqui? Eu me encerro junto a ela?* São questionamentos pertinentes que a experiência do cotidiano trás consigo, mas creio que tudo isso me faz despertar mais ainda para a pertinência de se pensar a prática do espaço cultural como aliado ao espaço educacional na luta pela implementação da lei 10.639/03 e da 12645/08.

Há uma gama de materiais, livros, cartilhas e coletâneas que dão conta de tratar de novas abordagens para o ensino de história, cultura e literatura afro-brasileira na sala de aula. Destaco aqui o trabalho desenvolvido por Azoilda Loretto da Trindade (2006) com *A cor da Cultura*, excelente material que provocou a escrita desta monografia. Além dele, destaco também as coletâneas coordenadas por Amilcar Araujo Pereira e Ana Maria Monteiro (2012) e Eduardo de Assis Duarte (2014), com diversos planos de aulas que trabalhem com a questão da literatura afro-brasileira, além dos trabalhos desenvolvidos por Renato Noguera (2015) e Joel Rufino dos Santos (2016).

Outro movimento que se faz necessário também é o fortalecimento de espaços culturais tais como o do Galpão Bela Maré. Por essa via - Ápia, tal como a estrada que demonstrava o poder do Império Romano, é que conseguimos reconstruir os passos que levam a saberes já apresentados por nossa ancestralidade, como ferramentas a serem adotadas em escolas ou em parcerias com esses espaços culturais. No contexto da periferia, onde se há a ausência de promoção de cultura e de acesso a espaços de cultura e de pensamento crítico sobre os fazeres artísticos, é mais do que essencial que novos Galpões - em sua magnitude estrutural e em seu modelo metodológico de comprometimento com uma educação antirracista e democrática - cheguem a novos territórios.

Sigo a jornada, agora bem melhor acompanhado, na esperança de que esse desejo se torne realidade e que mais pessoas sejam tocadas a fazer também travessia de leitura dos mapas que direcionam outros tempos de caminhada - ora acelerados e frenéticos, como os carros que cruzam a maior avenida da cidade, ora lentos, como os mais velhos, que ditam cadência e maestria às pegadas, que continuarão apontando novas rotas para seguirmos nas veredas de investigação da nossa história, cultura e memória. Com as vozes das minhas mais velhas, olho a estrada com um sorriso no rosto: *siga em frente, meu filho, ainda tem muita história para contar...*

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (orgs.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre, Sulina, 2009, p. 131-149.

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (orgs.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre, Sulina, 2009, p. 52-75.

BARROS, Sílvia. Enraizando a Lei 10639/03: literaturas africanas na educação básica. **Revista Mulemba**, 10.19 (2018): p. 24-33. DOI: <https://doi.org/10.35520/mulemba.2018.v10n19a21351>. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/mulemba/article/view/21351>. Acesso em: 24 de maio de 2023.

BARROS, Sílvia et al. Gênero e raça no contexto escolar: a experiência da oficina Mulheres negras e Literatura. **Anais V CEDUCE**. Campina Grande: Realize Editora, 2018. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/42528>. Acesso em: 24 de maio de 2023.

COPQUE, Bárbara. As imagens que me faltam: Ensaio fotográfico. **GIS - Gesto, Imagem e Som - Revista de Antropologia**, São Paulo, Brasil, v. 5, n. 1, 2020. DOI: 10.11606/issn.2525-3123.gis.2020.163412. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/gis/article/view/163412>. Acesso em: 14 de abril de 2023.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. **PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFGM**, [S. l], 2012, p. 206–219. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15454>. Acesso em: 14 de abril de 2023.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura afro-brasileira: abordagens na sala de aula**. Pallas, 2 ed. Rio de Janeiro, 2014.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Pallas Editora, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Editora Malê, 2017.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; ALVES, Nilda. Conversas em redes e pesquisas com os cotidianos: a força das multiplicidades, acasos, encontros, experiências e amizades. In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (orgs.). **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?**. Rio de Janeiro: Ayvu, 2018, p. 41-91.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Editora Vozes, 2017.

GOMES, Nilma Lino. Raça e educação infantil: À procura de justiça. **Revista e-Curriculum**, v. 17, n. 3, p. 1015-1044, 2019. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1809-38762019000301015&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 11 de maio de 2023.

GONZÁLEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs**, v. 2, n. 1, 1984, p. 223-244. Disponível em:

<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6936135/mod_resource/content/1/RACISMO%20E%20SEXISMO%20NA%20CULTURA%20BRASILEIRA.pdf>. Acesso em: 11 de maio de 2023.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

MARTINS, Leda Maria. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. **Letras, [S. l.], n. 26**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGL/UFSM, p. 63–81, 2003. DOI: 10.5902/2176148511881. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881>>. Acesso em: 28 junho de 2023.

NERES, Vilma. **A escrita com a luz das fotoescrivências**. Salvador: Edição do autor, 2021.

NOGUERA, Renato. **Ensino de filosofia e a lei 10639**. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2014.

PIRES, Jéssica. 12ª Operação Policial na Maré em 2023: mais um dia de medo e incertezas. **Maré de Notícias**, Rio de Janeiro, 18 de maio de 2023.. Direitos Humanos/Segurança Pública. Disponível em: <<https://mareonline.com.br/12a-operacao-policial-na-mare-em-2023-mais-um-dia-de-medo-e-incertezas/#:~:text=O%20Conjunto%20de%20Favelas%20da,nas%2016%20favelas%20da%20Mar%C3%A9>>. Acesso em: 28 de junho de 2023.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A Cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre, Sulina, 2009, p. 17-31.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PEREIRA, Amilcar Araujo; MONTEIRO, Ana Maria (Ed.). **Ensino de História e culturas afro-brasileiras e indígenas**. Editora Pallas, Rio de Janeiro, 2012.

RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (orgs.). **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?**. Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

SAMPAIO, Carmen Sanches; RIBEIRO, Thiago; SOUZA, Rafael de. Conversa como metodologia de pesquisa: uma metodologia menor? In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (orgs). **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?**. Rio de Janeiro: Ayvu, 2018, p. 21-40.

SANTOS, Joel Rufino dos. **A questão do negro na sala de aula**. Global Editora e Distribuidora Ltda, 2016.

SILVA, Isabela Souza da; SANTOS, Jean Carlos de Souza dos. Galpão Bela Maré: sentidos e práticas curatoriais urgentes. *Poiésis*, Niterói, v. 21, n. 35, p.71-86, jan./jun. 2020. DOI: <https://doi.org/10.22409/poiesis.v21i35.40411>. Acesso em: 09 de junho de 2023.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Valores civilizatórios afro-brasileiros na educação infantil. **Proposta Pedagógica**, p. 30-36, 2005.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Valores e Referências Afro-brasileiras. In: BRANDÃO, Ana Paula (org.). **A Cor da Cultura: Caderno de atividades, Saberes e Fazeres**. Volume 3: Modos de Interagir. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Reinventando a roda: experiências multiculturais de uma educação para todos. In: TRINDADE, Azoilda Loretto da (Org.). **Africanidades brasileiras e educação [livro eletrônico]**: Salto para o futuro. Rio de Janeiro: ACERP; Brasília: TV Escola, 2013.